

*illos servemus cura, nè fur id nobis astutus auferat.* São as flores do matrimonio, como os intitulou S. Clemente Alexandrino: *Matrimonii flores liberi;* & com aquelle resguardo, com que se costumaõ tratar as flores, se devem tratar os filhos; guardalos, como riquezas; & resguardalos, como flores: se o vidro, para se conservar, necessita de hũa grande attençaõ, de que attençaõ não necessitaõ os filhos em hũa idade tam fragil, tam quebradiça, & tam vidrenta, como he a da infancia, & a da puericia? Se ao principio se criaõ bem, saõ fogo, que recrea com as luzes; porèm se se criaõ mal, saõ incendio ao depois, que abraza com as chamas; que por isso o Juvenal se queixava de hum pay, que não criava, como era bem, ao filho:

*Ergo miser trepidas, nè stercore fæda canino*

*Atria displiceant oculis venientis amici, &c.*

*Illud non agitas, ut sanctam filius omni*

*Aspiciat sine labe domum, vitioque carentem.*

261 Em a criaçaõ dos filhos devem empenhar-se as mãys, porque he gala das mãys a boa criaçaõ dos filhos, como se lè de Cornelia mãy de Braccho, da qual refere Plutarcho, que levandolhe hũa mulher a mostrar os seus ornatos, que eraõ os mais preciosos, de que se sabia naquelle seculo; ella lhe entreteve a practica, atè que voltassem os seus filhos da eschola; & mostrandolhos lhe disse, que aquelles eraõ os seus ornatos, fazendo por este estylo mais gala da boa criaçaõ dos filhos, do que a outra fazia da preciosidade dos seus ornatos. He verdade, que o Apostolo, quando persuade ás esposas, que amem aos seus esposos, aconselha tambem, que as mãys amem ternamente

Clement,  
Alexand. 2.  
pædag. c. 8.

Juvenal.  
Satyr. 14.

Plutarch.

namente



Ad Tit. cap. 2. n. 4. *namamente aos filhos: Ut viros suos ament, filios suos diligant.* Mas como os haõ de amar? Reprehendendo-os, & castigando-os; porque o castigo, & a reprehensõ não se encontraõ com o amor; nem póde ser desdouro nas creaturas, o que he timbre em Deos:

Prov. cap. 3. n. 12. *Quem enim diligit Dominus, corripit; & quasi pater in filio complacet sibi.* Não he menos amor o fazerem-se as mãys pelo castigo temer dos filhos, antes o serem temidas dos filhos, he prova de serem estes muito amados das mãys; porque aquella, que se publicava por mãy do mais pulchro amor: *Ego Mater pulchræ dilectionis*, juntamente se declarava, que era mãy do temor: *& timoris*: era mãy do amor, pelo grande que em si tinha aos filhos, que gerára; & era mãy do temor, pelo que gerava em esses filhos; com hũa conjuncçã atou o temor dos filhos ao perfeito amor de mãy, porque não ha amor perfeito em as mãys, se estas com o castigo, & com a reprehensã não infundem temor nos filhos: *Mater pulchræ dilectionis, & timoris.* A primeira raiz da idolatria foi o amor demasiado, que hum pay teve ao filho, como he texto expresso do livro da Sabedoria: *Acerbo enim luctu dolens pater citò sibi rapti filii fecit imaginem: & illum, qui tunc quasi homo mortuus fuerat, tunc tamquam Deum colere cœpit, & constituit inter servos suos sacra, & sacrificia;* com o que deve não degenerar em idolatria dos filhos o amor dos pays: Jacob amava aos seus todos, & mais que a todos a Joseph; & reprehendia a Joseph como a todos os mais: aos mais reprehendeo-os, porque não diligenciavaõ o alimento, que se vendia em o Egypto: *Quare negligitis? audivi, quòd triticum venundetur in Ægypto, &c.* & a Joseph increpou-o,



pou-o, porque contava de dia, o que sonhára de noite: *Increpavit eum pater suus, & dixit: quid sibi vult hoc somnium, quod vidisti?* Diz o Espirito Santo, que o que perdoa á vara faltando ao filho com o castigo, não lhe tem amor, senão odio; porque o que sabe amar, empenha-se em o erudir: *Qui parcit virgæ, odit filium suum; qui autem diligit illum, instanter erudit.* A vara, & a correção são, as que dão sabedoria; & o menino, que se deixa criar á sua vontade, he confusão de sua mãe: *Virga, atque correptio tribuit sapientiam: puer autem, qui dimittitur voluntati suæ, confundit matrem suam.* Não perde o ouro a estimação, que se lhe dá com os golpes, que recebe; antes quanto mais batido, mais polido, & estimado; & todas as demais obras, se não são bem lavradas, não sahem polidas: a vinha, se se não cultiva, chama-se a máto; & as terras, se as não abre o ferro, & as corta o arado, não correspondem com o fruto; antes a que podia dar para o sustento os frutos, dá abrolhos, & espinhos: & da mesma sorte os pays, que enfeitados do amor se descuidão negligentes da educação dos filhos, concorrem culpavelmente para a sua perdição; porque o não criá-los bem, he perdê-los para o mal, convertendo se lhe com aquelle doce veneno do demasiado carinho, o rizo em luto, a consolação em perigo, & a indulgencia em ruina, como doutamente discorreo, & advertio João Casó; de donde se veyo a originar aquelle commum Proverbio, de que a froxidão dos pays faz froxos tambem aos filhos.

*Blanda patrum segnes facit indulgentia natos.*

262 Em os pays criarem bem aos filhos, vem a interessar muito os filhos, & mais os pays: os filhos;

Genes. cap.  
37. n. 10.

Prov. cap.  
13. n. 24.

Ibid. cap.  
29. n. 15.

1. Reg. cap.  
4.

3. Reg. cap.  
1.

1. Top. cap.  
1.

Ibid. n. 8.

Joan. Cas. in  
Thef. œcon.  
lib. 2. cap. 2.

Genes. cap.  
18. n. 18.

Ibid. cap. 2.  
n. 17.



porque com o ensino, & boa educação de antes, se dispoem para o bom procedimento de depois: os pays, porque tem a gloria de serem duas vezes pays; hũa pela geração, & outra pela criação; hũa pelo nascimento, & outra pelo ensino; porque os que dão o ensino, sem o serem, também são pays. Joseph dizia de si, q̄ era pay de Farão: *Fecit me quasi patrem Pharaonis*. E porque? Porque, como diz David, ensinou a Farão Joseph: *Ut erudiret Principes ejus*. Neste sentido o Rey de Tyro chamava pay a Hiraõ, & Artaxerxes a Mardocheo: antes, como dizia Aristoteles, muito mais para honrados são os pays pela criação, que pela geração; porque na geração dá-se o viver, na criação, o viver bem. Se os pays não educação bem aos filhos, he ruina dos filhos, & dos pays: porque Heli não criou aos filhos bem, succedeo a hum, & a outros tam mal; pagando juntamente o pay a má criação, que deu aos filhos, & os filhos a má criação, que recebêraõ do pay: porque David não criou bem a Adonias, deu Adonias hum grande desgosto a David, querendo introduzir-se a Rey contra a vontade do pay: & porque Tobias criou ao filho no temor de Deos, deu o filho muitos gostos, & consolações a Tobias. Concedeo Deos a Abrahaõ os mais illustres privilegios, os mais especiaes favores, & as mais singulares bençãos; & tudo isto, como o mesmo Senhor disse, porque sabia que Abrahaõ havia criar seus filhos observantes, & obedientes aos Divinos preceitos: *Scio enim, quod praecepturus sit filiis suis, & domui suae post se, ut custodiant viam Domini*. Dispunha Deos os filhos de Abrahaõ em a terra para gloriosa emulação deffas Estrellas do Ceo: *Multiplicabo*

Genes. cap.  
45. n. 8.  
Psalm. 104.  
n. 22.  
2. Paralip.  
cap. 2. n. 23.  
Esther cap.  
13. n. 6.  
Arist. apud  
Laert. lib. 5.  
cap. 1.

1. Reg. cap.  
4.

3. Reg. cap.  
1.

Tob. cap. 1.

Genes. cap.  
18. n. 19.

Ibid. cap. 22.  
n. 17.

*plicabo*



*plicabo semen tuum sicut Stellas cæli; & para ferem luzidos quera-os bem criados; & conhecendo, que o pay lhes havia dar boa criação, por isso enriqueceo de tantas benções ao pay. Finalmente, se os pays criação bem aos filhos, diz o Espirito Santo, que são os filhos as delicias dos pays: *Erudi filium tuum, & dabit delicias animæ tuæ.* E se as mãys criação aos filhos bem, affirma o Doutor das Gentes, que pela sua criação conseguem a salvação as mãys: *Mulier salvabitur per filiorum generationem:* assim o entendeu Chryso-  
 do: *Audite ista, parentes, ac prorsus aspiciate hujusmodi educationem magnorum præmiorum causam fore.**

Prov. cap.  
29. n. 17.

1. Timot.  
cap. 2. n. 25.

Chryf. hic.

263 Mas oh que prodigiosamente satisfez, & desempenhou a nossa Serenissima Rainha as obrigações de Mãy! pois assim como não houve Esposa, que a igualasse no amor de seu Esposo, assim tambem não houve mãy, que lhe fosse semelhante na criação de seus filhos. Job, de quem disse o mesmo Deos, que não tinha semelhante na terra, assim attendia vigilante á rectidão de seus filhos, que todos os dias offerencia por elles a Deos orações, & sacrificios, para que se abstivessem dos peccados: *Con-*  
*surgensque diluculo offerebat holocausta pro singulis;* & o que constituhio sem semelhante áquelle pay, fez tambem sem semelhante a esta mãy: *Quòd non sit ei similis;* pois muitas vezes se lhe ouvio dizer com as lagrimas nos olhos, que se seus amados filhos não houvessem fer depois muito tementes a Deos, pedia ao mesmo Senhor, que lhos levasse para si antes, & continuamente os offerencia em suas orações a Deos. Não se irava contra elles, porque, como dizia Phocylides,

Job cap. 1.  
n. 5.

Ibid. n. 8.



Phocylides.

cylides, não devem os pays irar-se contra os filhos: *Filiis nè irascaris, sed indulgens sis*; porèm se notava em algum este, ou aquelle defeito, emendava-o com o castigo: *Si verò quid filius erraverit, castiget filium mater*; convertendo, & transformando com este procedimento o seu Palacio em Paraíso; porque com a excellencia de tam fermosos, & tam bem criados frutos, era hum Paraíso o seu Palacio. Mas ay, que essa mesma bondade, em que educou os filhos, parece que foi a causa de sentirmos a amargura da morte de hũa tal Mãy! Lá dizia Salamaõ a sua querida Esposa, que fora hum Paraíso em os excellentes frutos, que havia produzido: *Emissiones tuæ paradisus malorum puniceorum cum pomorum fructibus*; mas he muito para notar, que logo immediatamente fallou na myrrha, & no áloe: *Myrrha, & aloë*. A myrrha, como todos sabem, he hum symbolo da morte; o áloe, como explicação S. Gregorio Niffeno, Theodoretto, & Cassiano, he emblema da amargura; & o mesmo foi, gabala de Paraíso em a producção dos frutos, que expor a amargura, & a morte para os sentimentos; porèm se assim se empenhou em os criar bem na vida, não deve com tanto excesso ser sentida a sua morte; porque se a mãy consegue a salvação pela boa criação dos filhos, podemos crer piamente, que pela boa criação dos Filhos conseguiu a salvação hũa tam vigilante Mãy, que logrando a felicidade de ser Mãy de tantos Filhos, só em serem os Filhos bons cifrava, & resumia a mayor felicidade.

Niffen.  
Theodoret.  
Cassian.

Ibid.n. 14.

Cant. cap. 4.  
n. 13.

QVAR.





QUARTA FELICIDADE.

OS VASSALLOS.

264



Quarta Felicidade, que logrou a nossa Rainha, foi ser Senhora de taes vassallos. São estes os Portuguezes, Nação tam famosa entre as demais todas, que se póde acclamar a boca cheia a mais famosa entre todas as demais: para referir as suas glorias, não bastava hũa penna só, nem ainda tantas pennas, quantas comprehende a fama em as suas grandes azas; só as terras, que domináraõ; só os climas, que correraõ; só os mares, q̃ navegáraõ, victoriosos não só dos povos, mas ainda dos elementos, podiaõ ser Chronistas de suas incomparaveis façanhas, & inimitaveis excellencias. Dizia o grande Alexandre, como refere Plutarcho, q̃ o mōte Caucaço, & Emodos, o rio Tanais, & o mar Caspio mostrariaõ o valor da sua pessoa, & seriaõ imagens proprias de suas facções heroicas: & para engrandecer as proezas Lusitanas, só podê ser testemunhas, & cabaes pregoeiros dellas as quatro partes do mundo, em q̃ obráraõ acções incriveis por estupendas aquelles Varões, de quem disse Lourenço Anania, que comeraõ do coração do mesmo Alexandre Magno, pelos prodigiosos feitos, com que assombraõ o mundo. Sendo porẽm isto assim, não deixáraõ de escrever as grandezas de Portugal, & as glorias dos Lusitanos, innumeraveis Autho-  
res;

Plutarch.  
de Fortun.  
& Virt. A-  
lexad. orat.  
postter.

Anan. na  
Cosmogr.  
tract. 2. fol.  
226.



res ; dos quaes relatarei só aquelles , de cujas obras me heide valer para comprovaçãõ daquelle pouco que differ neste limitado discurso ; dos quaes , huns de passagem, & outros de proposito tratáraõ da nossa Naçaõ, & do nosso Reyno; naturaes huns, estrangeiros outros; de todos faço promiscua mençaõ, sem pòr em distinctas classes os estrangeiros, & os naturaes. De Portugal , & dos Portuguezes escrevèraõ, Polibio , Atheneo, Moncon, Hogemberge , Bran- nio , Rodrigo Sancio, Avila , Segura , Castro, Ne- briffa , Castilho , Aretas , Marineo Siculo, Abrahaõ Ortelio , Vaseo , Botero , Plinio , Strabon, Oliveira, Severim de Faria , Acofta , Andrade , Barros , Cou- to , Fr. Antonio da Purificaçaõ, Agostinho Barbosa, o Author da Bibliotheca Hispana , Brandaõ , Casta- nheda , Cardozo , Diodoro , Galvaõ , Estaço, Cesar de Menezes , Fr. Manoel da Esperança , Faria , Gui- ciardino , Mariano Victorio , Genebrardo , Francis- co de Britto Freire , Goes , Justo Lipsio, Fr. Luis de Soufa , Jacinto Freire , Laimundo , Fr. Luis da Na- tividade, Joaõ Boemo, Maffeo, Nunes de Leaõ, Ma- riana , Orozio , Mariz , D. Fr. Marcos de Lisboa, Pi- na , Rezende , Macedo , Fr. Rafael de Jesus , D. Ro- drigo da Cunha , Sylveira , Francisco de S. Maria , Telles , Romaõ , Vasconcellos , Zurata ; & outros muitos , que estes allegaõ , & neste discurso não fa- rei mais , do que expor fielmente, o que achei nel- les.

265 Foraõ os Portuguezes desde os seus princi- pios tam favorecidos do Ceo, que lhes destinou por Patria a melhor parte da terra , dandolhes por incu- nabulo hum Reyno , de quem disseraõ alguns , que era



era a cabeça do mundo<sup>a</sup>: que o seja da Europa, he ponto sem controversia; & bastava dizelo assim o nosso grande Camões.<sup>b</sup>

*Eis aqui o cume da cabeça*

*De Europa toda o Reyno Lusitano.*

Manoel de Faria no Epitome das Historias Portuguezas chama a Espanha fronte da Europa, & a Portugal, grinalda desta fronte<sup>c</sup>: Joaõ de Castilho em diversas partes pinta a Espanha cabeça da Europa, & a Portugal, Coroa dessa cabeça.<sup>d</sup> E com mysterio deputou o Ceo por cabeça do mundo a Portugal; porque se a cabeça he a primeira, & principal parte do corpo, só hum Reyno, que por cabeça dos mais he o primeiro do mundo, era proprio domicilio para huns homens, que em tantas excellencias, & em tantas prerogativas haviaõ ser os primeiros: porque os Portuguezes foraõ os primeiros (excepto Judèa, Galilèa, & Samaria) que recebèraõ a Fè de Christo, & abraçáraõ a Religiaõ Christãa por meyo da prègação do Apostolo Santiago<sup>e</sup>: os Portuguezes deraõ os primeiros Santos, que se sabe houvesse nas Nações da Gentilidade por todo o universo; os quaes foraõ aquelles nove discipulos, que Santiago converteo, & tomou por Coadjuutores em a sua prègação, Pedro, Torçato, Tesifon, Secundo, Endelecio, Cecilio, Eufrasio, Esicio, Athanasio, ou Theodoro<sup>f</sup>: os Portuguezes foraõ os primeiros Christãos, que nõ mundo tiveraõ Igreja levantada á honra de Deos<sup>g</sup>: os Portuguezes foraõ os primeiros, que pela parte, que por sorte lhes coube, lançáraõ fóra de Europa os Mouros; os primeiros, que a Africa passáraõ a fazer lhes guerra; & os primeiros,

<sup>a</sup> Fr. Anton. da Purific. no Prolog. á Chron. dos Erem. de S. Agost. c. 4. cõ Castian. & Plinio.

<sup>b</sup> Cam. Luz. Cant. 3.

<sup>c</sup> Faria no Epitom. das Hist. Portug.

<sup>d</sup> Castilh. na Histor. dos Reys God.

<sup>e</sup> Antonio de Souf de Maced. nas Flores de Espanha 1. p. c. 9. O Arceb. D. Rodrig. da Cunha de Prim. Brachar. c. 11. Fr. Bernard de Britona Monarch.

Lusit. lib. 5. D. Turpin. Bispo de Rhemes na vid. de Carl. Magn. c. 2.

Fr. Luis de Sousa na Hist. de S. Doming. 1. p. lib. 6. c. 11. Sebast. Cesi de Menez na Hierarc. Ecclesiast.

p. 1. disp. 4. & outros muitos.

<sup>f</sup> Maced. 1. p. c. 9. com 9



Pap. Calixt.  
Fr. Anton.  
da Purific.  
ubi supr.

g  
Agost. Bar-  
bof. de Of-  
fic. Pastor.  
p. 1. c. 8.

h  
Barros na 1.  
Decad. lib.  
9. c. 2.

i  
Fr. Nicol.  
tratad. das  
grandez. de  
Lisboa.

l  
Angel. Po-  
liciano, A-  
brah. Ortel.  
Theodor.  
Zuinguer.

Franc. Gui-  
ciardin. Pe-  
dro Maffeo,  
Thom. Bo-  
fio, & ou-  
tros muitos  
allegad. por  
Maced. cap.  
14. excel-  
lenc. 8.

m  
Gaspar Ef-  
taço c. 83. &  
84. das an-  
tigid. de  
Portugal.

n  
Barros De-  
cad. 1. lib. 4.  
c. 2. Maffeo  
lib. 1. pag. 7.  
Freitas de  
just. imper.  
Lusit. cap. 8.  
n. 6.

o  
Mac. Flor.  
de Espanh.  
cap. 8. exc. 7.  
n. 14.

p  
Maris Dia-

primeiros, que os foraõ perseguir á Asia<sup>h</sup>: os Portu-  
guezes foraõ os primeiros, que tiveraõ univesfida-  
de em Espanha, fundada por Beto<sup>i</sup>: os Portuguezes  
foraõ os primeiros, que com espantosa ousadia cor-  
tando as furiosas ondas do mar Oceano abríraõ o  
dilatado caminho de tantos milhares de legoas de  
Portugal á India, da India á China, da China ao Ja-  
paõ, do Japaõ a outras ainda mais remotas Ilhas, def-  
cobrindo novos mares, novas terras, novos Ceos,  
novas Estrellas, novos segredos da natureza, o ha-  
bitar-se a Zona torrida, & o haver Antipodas<sup>l</sup>: os  
Portuguezes foraõ os primeiros, que descobríraõ a  
America; porque o primeiro, que a descobrio, foi  
aquelle desgraçado, & desconhecido Piloto, de cu-  
jos papeis depois se aproveitou o Colon; perdendo  
o Portuguez a vida, & ganhando o Colon com o seu  
trabalho a gloria<sup>m</sup>: os Portuguezes foraõ os pri-  
meiros, que acháraõ, & fizeraõ o Astrolabio em tem-  
po d'ElRey D. Joaõ o Segundo<sup>n</sup>: os Portuguezes  
foraõ os compositores dos primeiros versos, que se  
fizeraõ em o mundo<sup>o</sup>: & ElRey D. Diniz foi o pri-  
meiro, que em Espanha compoz versos, & rimas em  
lingua vulgar, & Portugueza<sup>p</sup>: os Portuguezes fo-  
raõ os primeiros, que em Espanha inventáraõ armas  
de ferro; porque o primeiro, q as inventou em Es-  
panha, foi o Portuguez Licinio, & por isso foi cha-  
mado filho de Vulcano<sup>q</sup>: os Portuguezes foraõ os  
primeiros, que acháraõ a invençaõ de colher o mel  
em Espanha; porque o primeiro, que em Espanha  
achou a tal invençaõ, foi o Rey da Lusitania Gorgo-  
ris; & por isso lhe impuzeraõ por sobrenome, o Me-  
liola<sup>r</sup>: & para serem os primeiros em tudo, foraõ os  
Portu-



Portuguezes os primeiros, que escrevêraõ em Espanha livros de Cavallarias; porque o primeiro, que escreveo os taes livros com grande habilidade, foi Vasco de Laboreira no tempo d'El Rey D. Fernando: sendo pois os Portuguezes em tantas prerogativas, & excellencias os primeiros, providamente lhe destinou o Ceo por berço, & patria hũa terra, que por ser a cabeça do mundo, he entre todas a primeira.

266 Differentes são as virtudes, de que se applaudem pelos Authores dotados os Portuguezes: Antonio de Soufa de Macedo os celebra por homens de boa disposiçaõ, & presença, nobres em todos os tempos, justos, & bem governados, honestos, verdadeiros, fieis, agradecidos, magnificos, & liberaes, magnanimos, & constantes, sofridos, & pacientes, clementes, & piedosos, sobrios, & temperados, & de outras muitas virtudes; o que tudo elegante, & diffusamente prova cõ testemunhos authenticos, com casos multiplicados, & exemplos repetidos: porèm como o meu intento não he expor em hum discurso laconico, & conciso, materia, que não cabe em volumes dilatados, proporei só tres excellencias, em que sobrefahem os Portuguezes a todas as luzes grandes, ou para dizer melhor, a todos os visos mayores. A primeira, a Religiaõ; a segunda, a Sabedoria; a terceira, a Fortaleza.



log. 3. c. 1.  
 Faria Epit.  
 3. p. c. 7. n.  
 15.  
 q  
 Fr. Jeron.  
 nas addic-  
 ções a Ca-  
 stilh. lib. 1.  
 discurs. 2.  
 Brit. na Mo-  
 narch. Lu-  
 sit. lib. 1. c.  
 19.  
 r  
 Brito Mo-  
 narch. lib. 1.  
 c. 21.  
 s  
 Mac. Flor.  
 de Espanh.  
 c. 8. exc. 11.  
 n. 11.  
 t  
 Idem cap. 6.  
 exc. 1. c. 7.  
 c. 10. c. 11.  
 c. 12. c. 15. c.  
 16. c. 17. c.  
 18. c. 19. c.  
 20.

b  
 Mach. cap.  
 23. n. 22.



PRIMEIRA EXCELLENCIA  
dos Portuguezes.

RELIGIAO.

267



Primeira, & principal excellencia, em que sobrefahem os Portuguezes, he a da Religiao; Abrahaõ Ortelio a louva<sup>a</sup>; Genebrardo a acclama<sup>b</sup>; Mariano Victorio a celebra, dizendo, que pelos Portuguezes se conserva a Fè Catholica. <sup>c</sup> Desta verdade se podem trazer muitas comprovações. A primeira consiste em o que já temos dito; o serem os Portuguezes os primeiros, que no mundo abraçaraõ a Fè de Christo, facilitando o ingresso, & franqueando as portas á prègação do Euangelho; sendo para ella coadjutores do Apostolo Santiago, & como taes os primeiros da seára Euangelica, que disseminaraõ em Espanha o graõ da Divina palavra; & os primeiros Christãos, que erigiraõ, & consagraraõ templo à honra de Deos; & por esta gloria de primeiros taõ avantejados aos mais todos, que se podem gloriar entre todos os demais habitadores de Europa com o titulo antonomastico de Christãos; como Abel, por ser o primeiro, se gloria entre os mais todos com o titulo de justo, *A sanguine Abel justus*<sup>d</sup>; antes, por serem primeiros, ainda que haja, como ha, outros, & tantos mais que elles, elles se podem acclamar unicos entre todos os outros. Falla Moyfés dos dias da criaçaõ, & chamando ao segundo, segundo; ao terceiro

<sup>a</sup>  
Abrah. Ortel. no theatro do mūd.

<sup>b</sup>  
Genebrard. in Psal. 67. v. 37.

<sup>c</sup>  
Marian. Victor. in Judice in omnes D. Hieronym. tomos, verb. Lusitan.

<sup>d</sup>  
Matth. cap. 23. n. 35.



ceiro, terceiro; ao quarto, quarto; & assim aos demais; fallando em o primeiro, não o nomea primeiro, senão intitula-o, hum: *Factumque est vespere, & mane dies unus.* <sup>e</sup> Commenta Santo Ambrosio o texto, & diz, que aquelle dia se intitula, & se diz, hum, por nada mais, que por ser primeiro; a prioridade, que o preferio, lhe deu a unidade, que o singularizou: foi aquelle dia o primeiro, & por primeiro, foi tam hum aquelle dia, que nem entra em o numero dos outros, nem admitte comparaçãõ com os demais: *Excipiendus à cæteris, tamquam dies primus; non conferendus cum cæteris, tamquam dies unus.* <sup>f</sup> Assim foi aquelle dia por primeiro entre os mais, hum no luzimento entre todos, & assim são os Portuguezes entre todos os Europeos unicos em a razaõ de Christãos; não tem que apostar competencias com elles outros alguns, porque elles fazem classe especial de per si. Faz a Igreja Catholica duas memorias dos Santos em o Canone da Missa: depois do primeiro memento faz memoria de hums, & depois do segundo memento faz recordaçãõ de outros; mas com esta differença, que na primeira lembrança poem a todos segundo as suas classes, primeiro os Apostolos, depois os Martyres, sem pôr a Martyr algum entre os Apostolos: na segunda recordaçãõ, parece, que inverte a ordem, porque fazendo lembrança de Martyres, & de Apostolos, poem primeiro, que a dous Apostolos, hum Martyr; porque poem a Santo Estevãõ primeiro, que a S. Mathias, & que a S. Barnabè: *Cum Sanctis Apostolis tuis, Joanne, Stephano, Mathia, Barnaba;* <sup>g</sup> antecedendo a classe dos Apostolos aos Martyres, dá a Igreja áquelle Martyr preferen-

<sup>e</sup>  
Genes. cap.  
1. n. 5.

<sup>f</sup>  
S. Ambros.  
hic.

<sup>h</sup>  
Tercium  
quod  
est in  
canone  
Missæ

<sup>g</sup>  
Ecclesi. in  
Can. Missæ.



cia a dous Apostolos, sendo, parece, a razão, o haver sido o primeiro Martyr; por primeiro não entra na categoria dos outros, entra elle per si só em diverso predicamento, porque por primeiro, he Martyr de tanto predicamêto, q̄ excede, & não entra na categoria dos outros Martyres, fazendo como singular classe per si entre os Apostolos. Esta preeminencia pois, com que entre os demais Martyres se singulariza Estevaõ, confidero eu nos Portuguezes em ordem á Christandade, & em ordem á Religiaõ entre todos os Europeos; & que se podem dizer os ProtoChristãos dos Europeos, como Estevaõ se diz o Proto-Martyr dos Martyres. Ainda acrescento mais, que podem os Portuguezes dizer-se absolutamente os primeiros Christãos, ainda que os de Judèa, Galilèa, & Samaria fossen realmente primeiros; porque aquelles reconhecèraõ a Christo de mais perto, os Portuguezes de mais longe; & basta esta circumstancia para darlhes a primazia. Considera Tertulliano aos Magos buscando a Christo, & com rendimentos obsequiosos offertandolhe dons soberanos; & diz, que foraõ os Magos os primeiros, que adoráraõ a Christo com aquelles rendimentos: *Primi Stellarum interpretes natum Christum annuntiauerunt; primi munerauerunt.*<sup>h</sup> Mas como se póde concordar, o que o Padre assevera, com o que o Texto relata, & a tradiçaõ da Igreja pinta? Não pinta a tradiçaõ da Igreja os Pastores adorando a Christo em o presèpio, & offertando seus dons ao Menino nascido? Não relata o sagrado Texto, que tanto que na mesma noite lhes annunciou o Anjo aquelle feliz nascimento, vieraõ com toda a preça para adorar a Christo? Não foi a vinda

<sup>h</sup>  
Tertullian.  
apud Fran-  
ces. in San-  
ctoral.



vinda dos Reys muitos dias ao depois? Tudo he certo. E pois se os Pastores adoráraõ a Christo nascido, & lhe offerecèraõ dadivas muito antes que os Reys, como affirma o Padre, que os primeiros, que o adoráraõ offerecendo-lhe dadivas, foraõ os Reys, & não os Pastores? Eu não acho mais razão, para se dizerem primeiros os Reys, sendo na realidade os primeiros os Pastores, mais que o estarem os Pastores mais proximos que os Reys para o reconhecimento de Christo, & o estarem os Reys mais distantes que os Pastores para o seu conhecimento: que se fugitasssem a adorar a Christo os Pastores, que eraõ huns Judeos, que estavaõ tam perto, não he tanto; mas que o reconhecesssem, & adorasssem os Reys, q' eraõ huns Gentios, que habitavaõ tam longe, he mais que muito; & bastando esta circumstancia para lhes dar a primazia, dizem-se em ordem ao reconhecimento de Christo, primeiros os Reys, sendo na realidade os primeiros os Pastores: *Primi Stellarum, &c.* Isto pois, que Tertulliano affirmou em ordem áquelles Reys Gentios do Oriente, me parece se póde dizer em ordem aos Portuguezes, que eraõ Gentios do Occaso. He verdade, q' os de Judèa, Galilèa, & Samaria foraõ os primeiros Christãos, reconhecendo a Christo, porèm estavaõ mais perto para o seu conhecimento; os Portuguezes, estando muito mais longe para o reconhecimento, foraõ os primeiros, que depois daquelles foraõ Christãos; & pois ainda que estes fosssem os segundos, & aquelles os primeiros, podem absolutamente dizer-se primeiros estes segundos.

268 A segunda comprovaçãõ da Religiãõ Portuguesa,



tugueza, he o haverem sido sempre grandes defensores da Igreja, & notaveis perseguidores dos inimigos de Deos: & tanto assim, que andando Herodes desterrado em Espanha depois de haver degollado o Baptista em Galilèa, os Portuguezes vingáraõ aquella inhumana morte com a pena de lhe tirarem a brutal vida em hum lugar chamado, Rodio; que, ou como querem alguns, he a Villa da Redinha no Bispado de Coimbra; ou segundo dizem outros, Villa-Velha de Rodaõ em o Bispado da Guarda. <sup>i</sup> Tam-

<sup>i</sup>  
Faria no E-  
pitom. p. 2.  
c. 1. Lamú-  
do citad. por  
Brit. Monar-  
chia Lusit.  
lib. 5. cap. 3.  
Macedo, &  
outros.

<sup>l</sup>  
Fr. Bernard  
de Brito lib.  
5. c. 28. Bi-  
var à dex-  
tro an. 384.

<sup>m</sup>  
Marian. lib.  
4. c. 20.

<sup>n</sup>  
Maced. cap.  
9. excel. 6.  
n. 2.

<sup>o</sup>  
Damiaõ de  
Goes de  
morib. Æ-  
thiopiae.

<sup>p</sup>  
Fr. Bernar-  
din. de San-  
to Antonio  
no Epit. l. 1.  
c. 3. Robert  
Guaguin.  
in chron. de  
general.  
Ministr.

<sup>q</sup>  
Duarte Nu-

bem os Portuguezes foraõ os que acerrimamente perseguiráõ ao Herefiarcha Priscilliano até lhe fazerem dar sentença de morte, sendo os seus principaes accusadores Iddacio, ou Vrfacio Bispo de Merida, & Ittacio Bispo do Algarve, como diz Brito <sup>l</sup>; ou, como diz Mariana <sup>m</sup>, Bispo de Lamego; que tudo era em Portugal. <sup>n</sup> E continuamente estaõ infestando os Mouros, & aos Gentios, assim na Africa, como na America, & na Asia; pela qual razão David Rey dos Abexins, chamado o Preste Joaõ, em hũa carta, que escreveo a El Rey D. Manoel, lhe dá o titulo de *Destruidor dos Mouros, & fortes pagãos.* <sup>o</sup>

269 A terceira comprovaçaõ da Religiaõ Portu-  
gueza, saõ os muitos Fundadores de diversas Reli-  
giões, & de diferentes Ordens, que tem sahido de  
Portugal, & havido em Portugal. S. Joaõ da Mattha  
Fundador da preclarissima Religiaõ da Santissima  
Trindade em França, segundo a melhor opiniaõ, foi  
Portuguez <sup>p</sup>: o Beato Amadeo, que primeiro se cha-  
mou D. Joaõ de Menezes da Sylva, fundou a Ordem  
dos Amadeos em Italia <sup>q</sup>: S. Joaõ de Deos, natural  
de Monte Mòr o novo, fundou a Ordem dos Enfer-  
meiros



meiros em Espanha <sup>r</sup>: D. Beatriz da Sylva, irmãa do Beato Amadeo, instituhio a Ordem da Conceição em Castella; aonde tambem fez introduzir o Tribunal da Inquiſição <sup>s</sup>: o Papa S. Damaso Portuguez <sup>r</sup> fundou a Ordem de S. Lazaro em Italia <sup>u</sup>; & foi tambem o que instituhio na Igreja a festa da Assumpção da Senhora <sup>x</sup>; & o Breviario Romano. <sup>z</sup> El Rey D. Affonso Henriques fundou a Ordem de Aviz, & a de S. Miguel, ou da Ala: El Rey D. Diniz, a de Christo: a observantissima Religião de S. Paulo primeiro Ermitão, neste Reyno teve o principio, na cerra d'Ossa o nascimento, & com aceitação universal tem tido o mais feliz progresso. E por remate, & coroa do que está dito, a em tudo celestial Congregação de S. João Evangelista, toda he Portugueza, & nunca sahio dos limites de Portugal, tendo Portugal a gloria de se achar este Ceo aberto em a sua terra. Seus primeiros Fundadores foraõ o Veneravel Mestre João, Doutor na Medicina, & nella publico Cathedratico, & Escritor famoso, Bispo de Lamego, & de Vizeu, aonde jaz sepultado com fama de Santo; reformou em Portugal a Ordem de Christo, & foi Confessor da Rainha D. Isabel, mulher de D. João II. Rey de Castella: D. Affonso Nogueira, Bispo de Coimbra, & Arcebispo de Lisboa, Legado á Latere neste Reyno, & hum dos mais illustres Prelados daquelles tempos em letras, & em virtudes: o Veneravel Martim Lourenço, Prègador insigne, a quem por sua eloquencia chamáraõ *Boca de ouro*, Confessor, que foi do Santo Infante D. Fernando, como se póde ver tratado com mais largga, & douta penna pelo Padre Mestre Francisco de

nes de Leão cap. 49. Gil Gonçal. de Avila nas grandez. de Madrid lib. 4.

<sup>r</sup> Duart. Nunes cap. 57. Avil. & outros muitos

<sup>s</sup> Fr. Frâncisc. Gonzag. na fundaç. do Mosteir. da Conceição de Toledo.

<sup>t</sup> Maced. c 9. exc. 10. aon- de allega a muitos. Bal- din. na Cro- nolog. Ec- clesiast. pag. 52.

<sup>u</sup> Estaço Ro- man. & ou- tros. Frey Ant. da Pu- rificação no Prolog.

<sup>x</sup> Genebrard. in Kalend. Roman.

<sup>z</sup> Marcello Tramelino in tract. de tempor. hor. Canonic. c. 13. n. 15. Baldin. ubi supr.

Franc de S. Maria,

Santa



Santa Maria na sua Celeste Historia.

270 A quarta comprovaçãõ da Religiaõ Portugueza, he o haver germinado tantas flores para o jardim do Empyreo, tantos Astros para lustre do Celestial Firmamento, tantos soldados para a milicia da triunfante Jerufalem, em o esquadraõ tam numerofo de Santos, quantos saõ os que a sua terra se gloria de haver dado para honra da Igreja, & para a gloria do Ceo; em termos taes, que se póde affirmar, que he a Naçaõ Portugueza hũa arvore plantada no Paraifo da Igreja, tam abundante, tam fertil, tam copiosa, & tam fecunda, que faz excessos áquella, que o Euangelista amado diz, que lhe mostrou hum Anjo: *Lignum vitæ afferens fructus duodecim per menses singulos, reddens fructus suos, & folia ligni ad sanitatem gentium<sup>a</sup>*: porque se aquella dilatava as suas folhas para a faude das gentes, esta extendeo os seus ramos para a salvaçaõ da Gentilidade; mas se aquella não dava em todos os mezes mais que doze frutos, esta deu em cada mez frutos em tanta abundancia, quanta se admira nos muitos Santos, & nos muitos Justos, que no Agiologio Lusitano se achãõ em cada mez<sup>b</sup>; coufa, de que se admira muito o Padre Fr. Luis de Soufa<sup>c</sup>, não achando mais razaõ para haver tantos Santos em o circuito de hũa tam pequena terra, mais que a particular influencia do Ceo. Contar todos, he impossivel; particularizar a alguns, será offender a outros; com que farei sómente mençaõ daquelles, com os quaes não só se acha ennobrecido este Reyno, senão illustradas outras muitas partes do mundo; sendo gloria aos naturaes, & honra aos estranhos.

Seja

<sup>a</sup> Apoc. cap. 22. n. 2.

<sup>b</sup> Jorge Car- dozo no A- giolog. Lu- sitan.

<sup>c</sup> Fr. Luis de Soufa Hist. de Saõ Do- ming. lib. 6. cap. 1.



271 Seja o primeiro ( que ainda que fosse só, bastava para acreditar não a hũa só, senão a muitas Nações ) aquelle prodigio da virtude, aquelle portento de Santidade, aquelle novo Thaumaturgo, aquella Arca do Testamento, aquelle Martello dos Herejes, aquelle Justo tam Santo, a quem para ser conhecido, basta o nome de Justo, sem declarar o de Antonio; que nascendo em Lisboa, & morrendo em Padua, ainda he nelle mais vulgar o cognome, ou o appellido, de Santo Antonio de Padua, que de Santo Antonio de Lisboa: o segundo, S. Sizinando, que sendo natural de Beja, enriquece com as suas reliquias, & as de seu compatriota, & companheiro S. Elias a illustre Cidade de Cordova: o terceiro, o Pay dos pobres S. João de Deos, que nasceo em Monte Mór, & está sepultado em Granada: o quarto, ( que devia ser primeiro ) o Pontifice S. Damaso, que de Guimaraes aonde nasceo, foi a condecorar Roma, sendo brilhante antorcha sobre o Candelabro da Igreja, aonde jaz sepultado em o sumptuoso Téplo, que fundou a S. Lourenço: o quinto, o Beato Amadeo, que filho de hũa das mais illustres familias de Portugal, serve com o seu Santo Corpo de jactância a Milão: entre no sexto lugar Santa Liberata, Padroeira esclarecida do Bispado de Siguença, aonde está venerada; a qual foi hũa daquellas nove irmãs, que de hum parto só deu a luz a famosa Portugueza Calgia, que teve a gloria de dar ao mundo, & a Deos de hũa só vez nove filhas, & todas Santas<sup>d</sup>; que foram as primeiras Martyres da Europa<sup>e</sup>; cujos nomes são Genebra, Liberata, Victoria, Eumelia, Germana, Gemma, Marcia, Basilia, & Quiteria; que

<sup>d</sup> Fr. Fráncisc.  
Bivar in  
Cómentar.  
ad Dextrú  
an. 138.  
<sup>e</sup>  
Maced. cap.  
9. exc. 10.



he Portugal tam fecundo de Santos, que não só nascem nelle aos pares, senão, que quando para os demais paízes hum Santo he muito, para Portugal não são muitas de hũa vez nove Santas. Occupe o septimo lugar a gloriosa S. Eufemia, cujas reliquias honraõ a Igreja mayor de Orense em Galiza: o oitavo Santa Engracia, filha de Onteomero senhor de hũa parte de Portugal, a qual trocando pelo Esposo do Ceo o da terra, que hia buscar a Alemanha, padeceo martyrio em Çaragoça, Metropoli de Aragaõ, com outros dezoito Portuguezes, que a acompanhavaõ; cujos nomes são, S. Lupercio, Optato, Sucesso, Marcial, Urbano, Julio, Quintiliano, Publio, Frontaõ, Feliz, Ceciliano, Evanto, Primitivo, Apodemio, Matutino, Cassiano, Fausto, & Januario; cujos corpos honraõ a varias partes; como o de Fausto a Navarra, & o de Engracia a Çaragoça. Não posso porèm deixar de fazer mençaõ em este lugar daquelle famoso Santo, a quem quiz fazer o Ceo por todos os titulos grande, & por todas as razões illustre; este he o gloriosissimo S. Rozen-do, que nascendo da preclarissima familia dos Sou-fas, ( para cujos elogios eraõ necessarios muitos to-mos ) assim soube realçar o real do sangue com o regio da virtude, que foi o primeiro dos Confesso-res, que canonizou a Igreja com as diligencias, que agora costuma practicar com os mais; & esta singularidade era acrèdora, a que se fizesse delle mençaõ muito singular; & que senão preterisse em silencio, como aos mais não só naturaes deste Rey-no, senão tambem descendentes de sua esclarecida profapia, sempre eminente, & agora eminentissima.



272 A quinta comprovaçãõ da Religiãõ Portu-  
 gueza, he o ardentissimo zelo, com que os seus pre-  
 claros Reys, & generosos naturaes, com tanta des-  
 peza de huns, & tantos perigos de outros, se em-  
 penháraõ em dilatar a Religiãõ Christãa, levando o  
 nome de Christo aos climas mais remotos por mares  
 nunca de antes navegados: sendo o primario fim  
 das emprezas de Portugal, conquistar thesouros pa-  
 ra o Ceo, & não dominios em a terra; converter al-  
 mas, & não coacervar riquezas<sup>f</sup>: & tanto assim, que  
 dizia El Rey D. Joãõ III. ( & o fazia assim entender  
 aos Vice-Reys, & Governadores ) que mais cuida-  
 do tinha na India, no Brasil, & em todas as demais  
 partes, que os infieis se sujeitassem ao jugo da Igre-  
 ja, que ao de seu Imperio; & que mais queria, que  
 se erigissem victoriosos os trofeos Ecclesiasticos, do  
 que que tremolassẽ triumphantes as suas Reaes ban-  
 deiras<sup>g</sup>: sendo tanta a piedade, assim dos Reys Lu-  
 sitanos, como de seus felices vassallos, que em a fide-  
 lidade, & obediencia á Igreja, não ha Nação, que a  
 compita, quanto mais que a exceda; do que não  
 póde haver mais egregio testemunho, que o que se  
 acha escrito em hũa carta de S. Ignacio, de que faz  
 mençaõ por extenso o Padre Balthasar Telles<sup>h</sup>, o  
 qual escrevendo de Roma ao Padre Mestre Simãõ,  
 lhe dá conta, de que fallando com o Cardeal de Bur-  
 gos sobre aquella desconfiança, que houve entre El-  
 Rey D. Joãõ, & o Papa Paulo, ambos terceiros, lhe  
 dissera o Cardeal, que practicando com outro em a  
 subjecta materia, dizendolhe este, que lhe parecia,  
 que El Rey de Portugal se queria apartar da obe-  
 diencia do Papa, lhe respondera o de Burgos: *Quem*

Carta de S. Ignacio

Rebello de obhg. juil. lib. 18. q. 23

<sup>f</sup> Estac. Ma- ced. & ou- tros por el- les citados. Fr. Rafael de Jesus no Castriot. Lusit. p. 7. lib. 6. n. 112.

<sup>g</sup> Francisc. de Andrade na Chronic. do mesmo Rey p. 2. c. 15.

<sup>h</sup> Telles na Chronic. da Companhia. l. c. 25. no 3

duelles



i  
Carta de S.  
Ignacio.

ousa a dizer tal? ainda que o Papa pizasse aos pès a El Rey de Portugal, não chegaria a desobedecer ao Vigario de Christo. E vòs cuidais, que a gente de Portugal he como a de cá? Oh palavras merecedoras de serem escritas com letras de ouro, & estampadas em laminas, mais que de bronze, de diamante, para sempiterna gloria dos Reys de Portugal, & dos seus vassallos; & para eterno estímulo aos Romanos Pontifices em ordem á estimação, que devem fazer, & ás attenções, que devem ter a huns taes vassallos, & a huns taes Reys! Os Reys são tam fielmente obedientes, & tam obedientemente fieis, que ainda que os Romanos Pontifices lhes puzessem os pès na cabeça, haviaõ elles submeter reverentes a cabeça aos pès dos Summos Pontifices, entendendo, que a sua Coroa nunca mais luzida, que quando assim pizada. E os vassallos são taes, que existindo a gente Romana lá, & a Portugueza cá, affirma hum Cardeal, que a de cá não he como a de lá: a de lá he fidelissima, como gente, em quem plantáraõ a Fè á custa do proprio sangue os Principes dos Apostolos; porèm a de cá he tal, que se lhe póde dar o titulo de Coadjuutores dos Apostolos em ordem ao plantar a Fè em regiões taõ longinquas á custa do proprio sangue; por ser doutrina assentada da luz da Igreja Agostinho<sup>1</sup>, que são Coadjuutores dos Apostolos, os que espalhão, & semeaõ a Fè de Christo pelo mundo: *Qui Christi Fidem seminant per orbem, ministri, ac coadjutores sunt Apostolorum.*

Aug. lib. 3.  
Confess. c. 4.

m  
Sylv. opusc.  
2. resolut.  
41. q. 3.

273 Por esta dilataçãõ da Fè, que á custa de tantos trabalhos folicitáraõ os Portuguezes, diz o meu grande Sylveira<sup>m</sup>, que foraõ representados naquelles



quelles Anjos velozes, de que falla Ifaias<sup>n</sup>, dizem-  
 dolhes, que vão ao povo, depois do qual não ha ou-  
 tro: *Ite Angeli veloces ad gentem convulsam, & laceratam,*  
*ad populum terribilem, post quem non est alius.* A qual pro-  
 fecia, ainda que em diferentes sentidos, entendem  
 dos Portuguezes, muitos, & gravissimos Autho-  
 res<sup>o</sup>; & com razão; porque dizer o Profeta, que  
 vão ao povo, além do qual não ha outro, he o mes-  
 mo, que dizer, que vão á terra mais remota de todas;  
 & isto fizeraõ os Portuguezes, hindo de Portugal  
 ao Japaõ, que são as mais distantes provincias, que  
 ha em o mundo todo; fazendo que os moradores  
 em os extremos da terra offertassem agradaveis dons  
 ao Deos verdadeiro do Ceo, em cõplemento da Pro-  
 fecia do Profeta Sofonias: *Ultra flumina Æthiopiæ inde*  
*supplices mei filii disperforum meorum deferent munus mihi.*<sup>p</sup>  
 A qual ao pè da letra parece q se entende, & verifi-  
 ca dos Portuguezes, segundo a interpretação de  
 Theodoretto: *Cum in extremis terræ habitantes disciplinam*  
*præconum à me disperforum acceperint, laudis victimas mihi*  
*offerent.*<sup>q</sup> E ainda muito mais claro conforme a ver-  
 saõ de Symmaco: *Filii procreati ab his præconibus pietatis,*  
*quos in omnes gentes dispersi, spiritualia mihi dona offe-*  
*rent*<sup>r</sup>; sendo o glorioso instrumento, de que sahisse  
 do Occaso a luz espirital para o Oriente, se do  
 Oriente sahe a luz temporal para o Occaso.

<sup>n</sup>  
 Ifai. cap. 18.  
 n. 2.

<sup>o</sup>  
 Rebello de  
 oblig. just.  
 lib. 18. q. 23  
 Luce. na  
 vida de Saõ  
 Francisc.  
 Xavier lib.  
 5. c. 21. Pi-  
 ned. de reb.  
 Salom. lib.  
 4. c. 14. §. 3.  
 Seraphim  
 de Freit.  
 tract. de just  
 Imp. Aliat.  
 c. 4. n. 8.  
 Malved. lib.  
 13. de An-  
 techr. c. 52.  
 Solorzan. de  
 jur. Indiar.  
 tom. 1. lib.  
 1. c. 15. n. 21.

<sup>p</sup>  
 Sophon. c.  
 3. n. 10.

<sup>q</sup>  
 Theodoret.  
 ibi.

<sup>r</sup>  
 Symmac.  
 hic.

274 Lá disse o Profeta Rey, que era, ou havia  
 de ser o nome de Deos louvado desde o Oriente até  
 o Occaso: *A Solis ortu usque ad Occasum laudabile nomen*  
*Domini*<sup>s</sup>; & em ordem ao nome de Christo fó aos ge-  
 nerosos Portuguezes se deve a genuina verificação  
 deste texto; & parece que em espirito estava vendo

<sup>s</sup>  
 Psalm. 112.  
 n. 3.

David



David esta gloriosa Nação ; porque levando o nome de Christo do Occaso ao Oriente, fizeraõ louvavel o feu nome do Oriente ao Occaso. Do que se lhe segue hũa das mayores glorias, & mais relevantes excellencias ; porque em levarem ao Oriente o nome de Christo desde o Occaso, fizeraõ que o nome de Deos seja incessantemente louvado atè o Occaso desde o Oriente, sendo os Portuguezes os primeiros, que todos os dias louvaõ o nome de Deos, como prova concludentemente com hum moderno Anonymo Fr. Luis da Natividade : porque determinando a Igreja, que desde a meya noite tenhaõ principio os dias para sua celebração, ou ferial, ou festiva, principiando o dia em o Oriente, desde que os Portuguezes entráraõ em o Reyno da China, tem elles para os louvores de Deos, conforme a disposição da Igreja, a primeira hora do dia ; & como vai andando o Sol com feu rapido movimento, os vaõ seguindo, & profeguindo as demais Nações Catholicas, atè chegar ás Feiippinas, aonde he o ultimo termo, & o remate dos dias ; com o que ficaõ os Portuguezes com a gloria de serem elles os primeiros, que todos os dias louvaõ a Deos em o mundo, levando ás outras Nações muitas horas adiantadas, & a algũa, hum dia inteiro.

275 . A sexta comprovação da Religiaõ Portugueza, he a grande conformidade, que observaõ nas ceremonias, & nos ritos da Igreja ; & tanto, que fó Portugal em todo o mundo no estado secular usa do nome de ferias pelos dias da semana, conforme a disposição, & repartição de S. Sylvestre. Considerou advertidamente o Pontifice S. Sylvestre, que era

coufa

Fr. Luis da Natividade no livr. da Divindade do Filho de Deos humanado em com. 20. §. 4.

Fr. Luis da Natividade no lugar citado.







tendem pelo final, as Chagas, que em o seu corpo estampou o mesmo Christo: os que interpretaõ a Elias, entendem pelo final, ao Symbolo da Fè, que aquelle soberano Precursor do segundo Advento hade vir prègar ao mundo. Eu o que daqui infiro he, que se o Euangelista, assim como divisou aquelle Anjo no Oriente, o vira em o Occaso, não tinha difficuldade o entender-se, quem era o figurado nesse Anjo; porque claramente se deixava ver, que era o jeroglifico de hum Rey de Portugal. Para o que he de notar, que esta palavra, *Signum*, no rigor da Latitudine, nem sempre quer dizer, final; porque muitas vezes por ella se significa a bandeira; assim, além de outros muitos<sup>d</sup>, o exprimio Lucano<sup>e</sup>:

<sup>d</sup>  
Calep. verb  
*signum* Plin.

l. 7. c. 25

Livius 3.

bel. Mac.

Zamora no

Marial.

<sup>e</sup>

Lucan. l. 1.

<sup>f</sup>

Horat. l. 1.

epist. 19

———— *Infestisque obvia signis*

*Signa, pares aquilas, ac pila minantia pilis.*

E da mesma sorte Horacio<sup>f</sup>:

———— *Cantabrica bella tulisti*

*Sub duce, qui templis Parthorum signa refixit.*

O que supposto, affirmo, que se o Euangelista divisára no Occaso aquelle Anjo, que diz vira em o Oriente, não tinha difficuldade o interpretar-se por elle qualquer Rey de Portugal; porq se se entende, que aquelle era Constantino, por lhe haver dado o Ceo por segurança da vitoria com aquella inscripção o final da Cruz; o mesmo final da Cruz com a propria inscripção he o que os Reys de Portugal trazem nas suas moedas; antes ao primeiro Rey, para seguro da vitoria, se dignou apparecer o proprio Christo em a Cruz.<sup>g</sup> Se se entende, que aquelle Anjo era o Serafim Francisco, por trazer as Chagas de Christo estampadas no seu corpo, as mesmas

<sup>g</sup>  
Jurament.  
d'El Rey  
D. Affonso  
Henriq.

trazem



trazem os Reys de Portugal nas suas bandeiras por Armas : se finalmente por aquelle Anjo se interpreta Elias , pelo Symbolo da Fè , que hade prègar em o mundo , em todas as partes do mundo , levando nas suas bandeiras o final Real de Deos, tem os Reys de Portugal disseminado a Fè , segundo aquelle vulgar axioma de direito , que o que fazemos por outros , o fazemos por nòs mesmos. Manifesta fica logo , qual he a Religiaõ , a Piedade , & a Fè do Reyno de Portugal , sendo Portugal hum Reyno , a quem o proprio Christo consignou as suas Chagas por Armas das suas bandeiras , declarando-o entre os mais , o seu escolhido , & amado , por sanctificado , & por puro : *Regnum sanctificatum , Fide purum , & pietate dilectum.*





SEGUNDA EXCELLENCIA  
dos Portuguezes.

SABEDORIA.

277



Segunda excellencia, em que sobrefa-  
hem os Portuguezes, he a da Sabedoria.  
Proponho esta excellencia logo depois  
da Religiaõ, & antes da Fortaleza;  
porque a sabedoria precede á fortaleza, & anda  
avinculada á Religiaõ. Anda a sabedoria avinculada  
á Religiaõ, porque, como disse Lactancio<sup>h</sup>, nem  
ha sabedoria sem Religiaõ, nem Religiaõ sem sabe-  
doria: *Non enim Religio ulla sine sapientia suscipienda, nec  
sine ulla Religione probanda sapientia.* Precede a sabedo-  
ria á fortaleza; porque o mesmo Espirito Santo em  
repetidos lugares antepoem á fortaleza a sabedoria,  
asseverando, que esta he muito melhor, que aquel-  
la: no livro da sabedoria: *Melior est sapientia, quàm  
vires*<sup>i</sup>: no livro do Ecclesiastico: *Et dicebam ego, me-  
liorem esse sapientiam fortitudine*<sup>l</sup>; & mais abaixo: *Me-  
lior est sapientia, quàm arma bellica*<sup>m</sup>: & não sómente  
em os homens, senão ainda no mesmo Deos; por-  
que fallando delle Job, applaudindo-o forte, & sa-  
bio, primeiro o intitula sabio, & ao depois forte:  
*Sapiens corde est, & fortis robore.*<sup>n</sup> E a razaõ quanto a  
mim he; porque a fortaleza não he sabedoria; po-  
rèm a sabedoria de tal forte he fortaleza, que he mais  
forte, que a mesma fortaleza, a sabedoria. Para triun-

<sup>h</sup>  
Lactant.  
Firm. l. i.  
cap. 2.

<sup>i</sup>  
Sapient. c.  
6. n. 1.  
<sup>l</sup> <sup>m</sup>  
Ecclesiast.  
c. 9. n. 16. &  
n. 18.

<sup>n</sup>  
Job c. 9. n. 4.

far



far do demonio, que como Principe do mundo se queria levantar em elle com o dominio, baixou Deos a fazer-se homem; porèm para esta batalha, & para esta vitoria, não veyo do Ceo á terra a primeira, senão a segunda pessoa. E porque? Porque á primeira pessoa attribue se o poder, & a fortaleza; á segunda, a sabedoria; & para conseguir o triunfo de hum tam forte inimigo, a quem o mesmo Senhor chamou forte, & armado: *Dum fortis armatus*<sup>o</sup>, não veyo a fortaleza, senão a sabedoria, como se a sabedoria fosse mais forte, que a fortaleza. He verdade, que em o Pay, & o Filho são attributos iguaes a fortaleza, & sabedoria, nem hum excede a outro neste, ou naquelle attributo: no Pay he a Fortaleza sabia; no Filho he a Sabedoria forte; porem ao nosso modo de entender, & de fallar, para conseguir os triunfos, ainda no mesmo Deos parece que he mais forte a sabedoria, que a fortaleza. Em o seu gratulatorio Cantico louva Maria Santissima, & engrandece a Deos, por haver desbaratado, & deprimido aos máos, ostentando em o seu braço o poder: *Fecit potentiam in brachio suo*<sup>p</sup>; ou, como treslada o Syriaco, conseguindo a vitoria com a fortaleza do seu braço: *Fecit victoriam in brachio suo*<sup>q</sup>. E porque fez em o braço o poder, & a vitoria? Porque, como dizem Beda, Theofilacto, & Laureto<sup>r</sup>, no braço, & pelo braço se entende o Filho de Deos, a quem por antonomasia se attribue a Sabedoria; & empenhado o mesmo Deos em conseguir a vitoria pelo poder da Fortaleza, em o poder, & na fortaleza de sua Sabedoria apançou a vitoria.

278 Que sejaõ os Portuguezes amantes da sa-

Qq ij

bedoria,

O Auctor  
Biblioth.  
Hisp. tom.  
4. tit. 1.º  
lib. 1.º  
o  
Luc. c. 11.  
n. 21.

Luc. c. 1. n.  
51.

<sup>p</sup>  
Syriac.

<sup>r</sup>  
Beda. Theo-  
filact. &  
Laureto.

Greg. Cil.  
de For.  
Marian. lib.  
4. c. 4.  
o  
Maced. c. 8.  
exc. 2. n. 3.



bedoria, excellentes no engenho, preclaros em as sciencias, & singulares nas artes, he materia sem duvida, & ponto sem controversia; porque ainda os estranhos daõ desta sua excellencia egregios testemunhos. O Author da Bibliotheca Hispana diz que nelles reyna a Poesia<sup>s</sup>: Guiciardino, & Zuinger lhes conhecem grandes ventagens na arte de marear<sup>t</sup>: Acofta lhes dá o primeiro lugar, & preferencia no engenho<sup>u</sup>: Mariana diz, que são dados aos estudos de toda a humanidade, & politica<sup>x</sup>: Justo Lipsio os acclama famosos em armas, & letras<sup>z</sup>: Joaõ de Pina affirma, que são seus raros engenhos horror de outras Nações<sup>a</sup>; & finalmente tantos foraõ, os que delles escrevèraõ, quantos os que os celebraõ.

279 He verdade, que em os tempos antigos occupavaõ os Lusitanos as mãos mais nas lanças, que nas pennas, fiando os seus applausos mais dos clamores da fama, que dos caracteres da escritura, entendendo, que as mais bem afiadas espadas eraõ as mais bem aparadas pennas, & fundando os seus encomiõs mais na agudeza do ferro, que da agudeza do engenho; porèm ao depois mostráraõ, que igualando a Cesar, tanto o sabiaõ imitar com a espada pelejando, quanto com a penna escrevendo. Nem em os primeiros principios foraõ os Portuguezes tam indoutos, que se não achassem entre elles varões eminentes, por sabios. No tempo do Emperador Vespasiano florescia em Roma Daciano Portuguez<sup>b</sup>, insigne, & engenhoso Poeta: no tempo de Galieno illustrou a Portugal Eliano, ou Lelio, homem doutissimo<sup>c</sup>: em o tempo de Valente o Pontifice S. Damaso, em quem com a santidade compe-

tia

<sup>s</sup>  
O Author  
da Bibliot.  
Hisp. tom.  
2. tit. Poet.  
facri.

<sup>t</sup>  
Guiciard.  
lib. 6. histor.  
Zuinger in  
theatr. vit.  
human.

<sup>u</sup>  
Acofta de  
natur. novi  
orbis lib. 1.  
c. 5.

<sup>x</sup>  
Marian. lib.  
10. c. 13.

<sup>z</sup>  
Just. Lipsio  
epist. 66.

<sup>a</sup>  
Joaõ de Pi-  
na na Dedi-  
catoria de  
suas varias  
fortunas.

<sup>b</sup>  
Greg. Cil.  
de Poet.  
Marian. lib.  
4. c. 4.

<sup>c</sup>  
Maced. c. 8.  
exc. 5. n. 3.



tia a sabedoria ; antes não falta quem diga , com bastante fundamento , que o grande Filosofo Seneca era oriundo de Portugal. <sup>d</sup> O certo he, que em todos os tempos foraõ os Portuguezes sabios, & veneradores das sciencias ; porque ainda quando as letras parecião estar de todo esquecidas em Espanha , se achavaõ em Portugal dous templos erigidos a Minerva Deosa da Sabedoria <sup>e</sup> : nelles , como já dissemos , houve a primeira Vniversidade fundada por Beto : Gorgoris o Meliola , sendo Rey da Lusitania, pela fama que corria de seu grande entendimento , & rara sabedoria foi chamado para Rey dos outros Reynos de Espanha <sup>f</sup> : em o tempo dos Romanos mostráraõ-se tam amantes das letras os Portuguezes , que foraõ alguns , ou algum desde Portugal a Roma só para ver Tito Livio famoso em aquelle tempo. <sup>g</sup>

<sup>d</sup>  
Brito Monarch. Lusit. lib. 5. c. 3.

<sup>e</sup>  
Strabon lib. 3. Anton. Nebriss. de reb. Reg. Cathol. in exhort. ad lector.

<sup>f</sup>  
Brito Monarch. lib. 1. c. 21.

<sup>g</sup>  
S. Jeronym. no Prolog. da Biblia Plin. Min. epistol. ad Nepot.

280 Depois que os Reys de Portugal entráraõ em este Reyno , florecèraõ nelle as letras com tam admiravel excesso , como o comprovaõ os escritos dos mais elevados engenhos , com cujas obras está suando incessantemente o prelo ; de todas as faculdades refere o grande Faria duzentos , & seis Authores <sup>h</sup> ; podèra numerar mais de mil pelos muitos, que tem acrescido , depois delle haver estampado ; dos quaes não faço mençaõ , porque não componho Bibliotheca, por não meter confiado a maõ na que sei he seara alhea ; pois me consta , que outro talento , em tudo superior , tem tomado por sua conta semelhante occupaçaõ. Não posso porèm deixar de advertir , q em ordem aos Authores , que cita o erudito Faria , se póde affirmar delle , o que se disse de

<sup>h</sup>  
Faria Epit. 4. p. c. ult.

Homero:



Homero: *Aliquando bonus dormitat Homerus*; pois, ou por lapso da penna, ou por falta de noticia, em ordem ao que pertence á minha Religiaõ, disse o que não devia dizer, & callou o que não devia callar: disse o que não devia dizer, porque disse, que aquelle famoso Fr. Joaõ Sobrinho, ou Consobrinho, como o cognominaõ alguns, era da Illustrissima Religiaõ Dominicana, sendo assim, que não foi senão da Carmelitana Religiaõ, da qual foi em este Reyno meritissimo Provincial, & em este Convento está sepultado; em cujo Templo prègava com tam notavel concurso do povo, que sendo tanta a grandeza de sua sumptuosa fabrica, era necessario porlhe o pulpito á porta, por estar mais gente de fóra, do que dentro da Igreja; como relata em o seu Agiologio ao dia onze de Janeiro o insigne Jorge<sup>i</sup> Cardoso indefesso investigador das cousas de Portugal; que diz assim: *Em Lisboa no Convento do Carmo a preciosa morte daquelle grande Mestre Fr. Joaõ Sobrinho, o mais insigne letrado do seu tempo; que por suas raras letras, eminente pulpito, & excellente virtude foi estimado d'El Rey D. Affonso V. O qual com Apostolico zelo passou a Inglaterra inficionada já naquelle tempo com a heresia; aonde com a sua doutrina fez muito fruto, & leu a cadeira de Prima de Theologia na Universidade de Anthem, da qual muitos annos foi Regente. Vindo a este Reyno se occupou todo na prègação, & salvaçaõ das almas, exercitando este santo ministerio pelas ruas, & pelas praças com grande fervor, & efficacia; pelo que concorria aos seus Sermões tanto auditorio, que quando prègava no Carmo, era necessario porlhe o pulpito á porta, por estar mais gente fóra, que dentro da Igreja. Enganou se tambem este grande Escriptor em dizer, que D. Fr. Amador*

Arraes

<sup>i</sup>  
Jorge Car-  
dos. Agio-  
log. Lulit.



Arraës fora Bispo de Leyria; porque o não foi senão de Portalegre, o qual Bispado renunciou ao depois, & veyo morrer ao Collegio do Carmo de Coimbra, em cuja Capella Mòr está sepultado, & lhe devemos todos os que estudamos naquelle Collegio eternas recordações pelas consideraveis despezas, com que o reedificou, sendo primeiro fundado pelo grande D. Fr. Balthazar Limpo, Bispo primeiro do Porto, & depois Arcebispo de Braga, que trouxe a este Reyno o Santo Tribunal da Inquisição; em o qual hoje preside como dignissimo Inquisidor Geral D. Fr. Joseph de Lancastrô, Religioso da mesma Ordem, depois de haver occupado nella os lugares de Prior do Convento de Lisboa, Provincial, & Commissario Geral da Provincia; & fóra della, os de Bispo de Miranda, & Leyria. Callou o sobredito Author o que não devia callar; porque fallando de Fr. Simão Coelho, não expressa, que foi filho desta Provincia do Carmo, das Chronicas de cuja Ordem compoz hum douto Compendio.

281 Para comprovaçãõ adequada da sabedoria Portugueza basta dizer, que atè as mulheres Portuguezas são engenhosas, & sabias<sup>1</sup>; entre as quaes por todos os titulos tem o primeiro lugar a Infante D. Maria, filha d'El Rey D. Manoel, a qual escreveo em Latim, & tinha perpetuamente Academia de mulheres doudas: D. Maria sua sobrinha Princeza de Parma foi prestante na Mathematica, & em outras letras humanas, & era muito versada nas Escrituras sagradas: a Infante D. Filippa, que nunca casou, & viveo recolhida no Real Mosteiro de Odivellas, entre as esclarecidas virtudes, de que a enriqueceo o Ceo,

<sup>1</sup>  
Maced. cap.  
8. exc. 11.



Ceo , foi versada em diferentes linguas, & traduzio da Latina , em vulgar , o livro da *Vida Solitaria* , composto por S. Lourenço Justiniano. A Infante D. Catharina foi por excellencia douta , & erudita em linguas, sciencias, & noticias; & como tal compoz varias obras , que o tempo , & incuria dos antigos sepultou no esquecimento ; ficando só em memoria a traducção , que fez do livro da *Disciplina Monastica* composto pelo mesmo S. Lourenço Justiniano. D. Leonor filha do Marquez de Villa Real em tempo d'ElRey D. Manoel traduzio a Sabelico , & o illustrou com annotações : Luiza Segea da eschola da Infante D. Maria , foi muy douta em varias artes , & tam perita em todas as linguas , que escreveo ao Papa Paulo III. hũa carta em Latim , Grego, Hebraico, Chaldeo , & Arabico, com tanta elegancia em cada hũa destas linguas , que o Pontifice se admirou , & lhe respondeo com hum Breve de muitos favores : Angela Segea sua irmãa a igualou nas linguas Latina , & Grega , & a excedeo na musica , & outros instrumentos, que sabia : Joanna Vaz donzella da Rainha D. Catharina foi famosa pela elegancia da lingua Latina : Paula Vicente ajudou a seu pay Gil Vicente a compor as suas Comedias, & ella só compoz outras : D. Helena da Sylva Freira em o Convento de Celas de Coimbra compoz em verso Castelhana hum livro da Paixão de Christo por modo subido , & estylo elevado : D. Margarida de Noronha do Convento da Annunciada em Lisboa foi muy douta na lingua Latina , & em outras ; na Portugueza escreveo excellentes discursos de cousas espirituas : Violante do Ceo Freira em o Convento da Rosa de



Lisboa foi celebre nos nossos tempos pelas admiraveis obras, que compoz em verso: não fallo nas que de presente se achão vivas, muitas das quaes não só igualaõ, mas excedem as Eustochiaens, as Pólas, as Eudoxias, as Probas, & as Lesbias: de todas as quaes foi soberana Coroa D. Bernarda Ferreira de Lacerda, que compondo excellentes obras se superou a si mesma em seu maravilhoso livro de Espanha libertada.

282 Do que está dito se colhe a excellencia da fabedoria, em que sobresahe a Nação Portugueza; sendo Portugal tam fecundo de eminentes engenhos, quanto se convence com hum argumento feito, não de *minori ad maius*, como dizem os Filofofos, senão de *minimo ad maximum*; pois sendo eu o mais infimo, o mais humilde, o mais vil, & o mais pobre talento, que ingenuamente confesso achar-se na minha Nação, tive confiança, para na Metropoli do mudo Roma estampar a *Celestial Armonia das Sciencias*, em que debaixo do nome transcendente de Theologia me animei a defender parte das sciencias todas, que se estudaõ nas escholas; como saõ Theologia Escholastica, Expositiva, Dogmatica, Moral, Regular, & Mystica; Direito Canonico, & Civil; Medicina, Filosofia, Mathematica, & Musica; querendo Deos, que conseguisse tam boa aceitaçaõ, que quando não servisse á minha Nação de credito, não lhe servio de desdouro; o que aqui não refiro para a jactancia propria, porque feria vileza; senão para que á vista de hum Pigmeo avultem mais os Gigantes, á vista de hũa Formiga se respeitem mais os Leões; á vista de hum Morcego se estimem mais as



Aguias ; & á vista de hũa tal sombra realcem muito mais as luzes ; pois em comparaçãõ dos mais , & ainda dos menores , que sou eu , mais que hũa sombra , hum Morcego , hũa Formiga , & hum Pigmeo ; & os demais todos , luzes , Aguias , Leões , Gigantes , desmedidos em a grandeza , generosos nos espiritos , agudos na perspicacia , & brilhantes na sabedoria ?

283 Por tres razões capitaes devia a Nação Portugueza esmerar-se na sabedoria , & sollicitar os Lusitanos a excellencia de sabios : a primeira , pelo que haviaõ fer ; a segunda , pelo que eraõ ; a terceira , pelo que saõ. Pelo que haviaõ fer ; porque se os Portuguezes haviaõ sahir da Patria a buscar regiões remotas , em que houvessem de ser havidos por peregrinos , & desconhecidos por estranhos , precisamente lhes era necessaria a sabedoria , por meyo da qual se fizessem Cidadãos de todo o mundo , & em nenhum paíz fossem avaliados por hospedes , desconhecidos por estranhos , & tratados como forasteiros ; sendo certo , como diz S. Ambrosio<sup>m</sup> , que hum sabio he Cidadão de toda a parte , tudo he seu , & em nenhum lugar se julga forasteiro , se avalia por hospede , & se reputa peregrino : *Ubicumque accesserit sapiens , ubique civis est , ubique sua esse intelligit , nusquam se peregrinum , nusquam hospitem se judicat.* Pelo que eraõ ; porque se eraõ paizanos , & habitadores de hum Reyno , por cabeça do mundo , o primeiro , deviaõ em a sciencia segurar a primazia. A estatua de Nabucho era composta de quatro diferentes metaes , ouro , prata , bronze , & ferro ; em os quaes metaes diversos se figuravaõ quatro Imperios successivos hũs

<sup>m</sup>  
S. Ambrosio.  
epist. 36. ad  
Constant.



aos outros; o primeiro, o dos Chaldeos; o segundo, o dos Medos; o terceiro, o dos Gregos; o quarto, o dos Romanos<sup>n</sup>: o dos Chaldeos correspondia á cabeça, & os mais ás demais partes; & se consultamos a Tirino, porque razão o dos Chaldeos era o primeiro, & a cabeça dos demais todos, responde<sup>o</sup>, que o era assim, porque florescia nelle a sabedoria mais que em todos os mais, como consta de Isaías<sup>p</sup>: & hum Imperio, ou hum Reyno, que he a cabeça, & o primeiro de todos, na sabedoria, & na sciencia affiança a primazia. Finalmente pelo que são; porque são os Portuguezes hũa Nação gloriosamente grande, & hũa gente grandemente gloriosa; & só em a sabedoria se estabelece a grandeza pela summa identidade, que ha entre a grandeza, & entre a sabedoria. Falla Moysés com o povo persuadindo o, & instigando-o á obfervancia dos preceitos, & finaliza a practica com esta admiravel sentença: *Ut audientes univrsi præcepta hæc dicant: en populus sapiens, & intelligens, gens magna*<sup>q</sup>: para que todos os mais ouvindo estes preceitos, admirados, & attonitos digaõ: Eis aqui hum povo sabio, & intelligente, em fim hũa gente grande: donde he muito para notar, q unio, & juntou nestas palavras Moysés a grãdeza á sabedoria, porq á sabedoria está avinculada a grãdeza; & tanto, q sendo hũa mesma cousa a sabedoria, & a intelligencia, mais parece q he o mesmo com ellas a grandeza, do que ellas entre si: entre a sabedoria, & a intelligencia poz a particula, &, que he conjunctiva: *Sapiens, & intelligens*; porèm entre ellas, & a grandeza, não poz aquella particula: *Intelligens, gens magna*; para insinuar, que he mayor a identidade, que se acha

<sup>n</sup>  
Daniel.c.2.

<sup>o</sup>  
Tirinus in  
Bibl. Max.

<sup>p</sup>  
Isai.c.47.

De .....  
.n.6.


Angel. Po.  
he Paul Jo.  
vio, Boter.  
Diodor.  
Sig. Jond.  
Bocchor.  
Duarte Nu.  
nes na Chro.  
-13. r. m.  
-13. r. m.  
-13. r. m.  
-13. r. m.  
-13. r. m.



entre a grandeza, intelligencia, & sabedoria, do que ainda a que ha entre a sabedoria, & intelligencia: a sabedoria, & a intelligencia são o mesmo, mas o mesmo de tal modo, que se acha entre hũa, & outra hũa conjunção, que as ata; porèm entre a grandeza, a intelligencia, & sabedoria he a identidade tal, que não medã conjunção, porque são totalmente o mesmo: finalmente, o mesmo he ser hum povo sabio, & intelligente, que ser hũa gente grande: *En populus sapiens, & intelligens, gens magna.*

## TERCEIRA EXCELLENCIA dos Portuguezes.

### FORTALEZA.

284  Terceira excellencia, em que sobre-  
fahem os Portuguezes, he a da Forta-  
leza, tam applaudida dos naturaes,  
quanto celebrada dos estranhos. An-  
gelo Policiano, Paulo Jovio, & Botero<sup>r</sup> a elogiaõ  
com admiraveis encomios: Diodoro Siculo, &  
João Bohemo<sup>s</sup> os antepoem na fortaleza a todas as  
Nações de Espanha; sendo que as de Espanha são a  
todas as demais superiores na fortaleza; o que dis-  
cretamente advertio o grande Lope da Vega Car-  
pio<sup>t</sup>, quando disse na sua Arcadia em nome de Vi-  
riato:

*Yo vi el Romano a mis pies;  
Mas para que cuenta os doy,*

Daniel.c.2.

Tirinus in  
Bibl. Max.

Iain.c.47.

284

r  
Angel. Po-  
lic. Paul. Jo-  
vio, Boter.s  
Diodor.  
Sic. João  
Bohemo.t  
Lope da  
Veg. na Ar-  
cad. lib. 3.



*Si basta dezir, que soy  
Espanhol, y Portuguez?*

Eu, por evitar a diffusão, não exponho os feitos heroicos dos famosos Lusitanos, nem no tempo, em que os Carthaginezes discorrêraõ por Espanha; nem no em que a debelláraõ os Romanos; nem no em que a invadíraõ os Godos, os Suevos, os Alanos, os Vandalos, & os Silingos; nem no em que a tyrannizáraõ os Mouros; digo só summariamente algúas facções do seu valor (que todas fora impossivel) desde o tempo, em que Portugal teve separados Reys; do que cantou o nosso Homero Portuguez Camões<sup>u</sup>:

*Cessem do sabio Grego, & do Troyano*

*As navegações grandes, que fizeraõ:*

*Cálese de Alexandro, & de Trajano*

*Afamadadas vitorias, que tiveraõ:*

*Que eu canto o peito illustre Lusitano,*

*Aquem Neptuno, & Marte obedecêraõ:*

*Cesse tudo, o que a Musa antiga canta,*

*Que outro valor mais alto se levanta.*

285 O Conde D. Henrique ganhou contra os Mouros dezafere batalhas campaes: El Rey D. Affonso Henriques confeguiu a gloriosa victoria em o campo de Ourique, na qual para hum Portuguez haviaõ cem infieis; & venceu a trinta Reys em diversas occasiões: no tempo d'El Rey D. Affonso II. vencêraõ os Portuguezes sobre Alcacer do Sal hum exercito de quatro Reys, & mais de sessenta mil Mouros. <sup>x</sup> Em tempo d'El Rey D. Affonso V. trinta Cavalleiros Portuguezes fizeraõ levantar o cerco, que El Rey de Fêz tinha posto a Alcacer Ceguer (que

Ruy del Rey  
Chron. de  
Affonso V.  
c. 124. & 25.  
Mariz Dia-  
log. 4. c. 8.  
Mariz Dia-  
log. 2. c. 3.

<sup>u</sup>  
Cam. nas  
Lusitadas  
Cant. 1. oit.  
3.

<sup>x</sup>  
Mariz Dia-  
log. 2. c. 11.  
Duarte Nu-  
nes na Chro-  
nic. d'El-  
Rey D. Af-  
fonso. Faria  
epit. p. 3. c.  
4. n. 5.



z  
Ruy de Pin.  
Chron. de  
Affonso V.  
c. 124. & 25.  
Mariz Dia-  
log 4. c. 8.  
a  
Mariz Dia-  
log. 5. c. 3.

( que entã era de Portugal ) com trinta mil homẽs de cavallo, & innumeraveis de pẽ<sup>z</sup>: outra vez vindo o Rey de Marrocos cercar Çafim com mais de cem mil homens, cem Portuguezes, que hũa noite sahí: raõ fóra da praça, o fizeraõ desistir do sitio<sup>a</sup>: admiraveis foraõ as proezas, que os Portuguezes fizeraõ, quando El Rey D. Joaõ I. tomou Ceita; quando El Rey D. Affonso V. tomou Tanger, Arzila, & Alcacer; & incomparaveis as suas façanhas nas vitorias, que conseguíraõ, nos cercos, que sustentáraõ, nos assedios, a que resistíraõ em Ceita, Alcacer, Arzila, Tanger, Mazagaõ, Dio, Calecut, Ormuz, Chaul, Goa, Columbo, Cananor, Cochim, & Malaca: o famoso Duarte Pacheco com pouco mais de cem homens, sem perder algum, venceo ao Rey Çamorí Emperador de Calecut, & outros Reys com innumeraveis exercitos: Antonio Galvaõ sendo Capitaõ de Maluco com cento, & vinte Portuguezes triunfou em Tidore de oito Reys juntos com tanta gente, que não tinha numero: D. Affonso Rey de Congo com vinte Portuguezes só vênciao a seu irmaõ, que lhe invadia o Reyno com vinte mil homens: o Vice-Rey D. Luis de Ataide superou ao Hidalcaõ, que tinha de cerco a Goa com cem mil homens, dous mil cento, & tantos Elefantes, & quatrocentas peças de artilharia grossa: Dom Francisco Mascarenhas, & Luis Freire de Andrada com menos de mil soldados vencèraõ o Nizamaluco, que cercava a Chaul com perto de cento, & cinquenta mil combatentes, trezentos, & sessenta Elefantes, & quarenta canhões grossos: Luis de Mello da Sylva em Cananor com quinhentos soldados destruhio



struhio cem mil Mouros pelejando em campanha  
 raza, & a peito descuberto: D. Jorge de Castro Ca-  
 pitão de Chalè com dez soldados sustentou o cer-  
 co, que lhe poz o Camorim Emperador do Malavar  
 com cincoenta mil homens: Alvaro Carvalho em  
 Mazagaõ reportou feliz triunfo com oitocentos  
 Portuguezes contra o Abdalá Rey de Marrocos, que  
 expugnava aquella praça com cento, & seis mil  
 Mouros: Antonio Moniz Barreto com cento, &  
 vinte Portuguezes em a Ilha de Ceilaõ passou por  
 toda a Ilha pelejando de dia, & de noite com nume-  
 rosos, & innumeraveis exercitos: o grande Nuno  
 Alvares Botelho em Malaca triunfou do Rey de A-  
 chem, em a qual batalha com muito desigual parti-  
 do degollou perto de vinte mil Mouros: não fallò  
 nas generosas, & inimitaveis acções, que obráraõ  
 nos nossos tempos na America, & na Europa; por-  
 que seria offender aquelles a todas as luzes superio-  
 res talentos, que tomáraõ por sua conta o historiar,  
 & referir tam esclarecidos feitos, & tam prodigio-  
 sos triunfos: entre os quaes sobresahe para o apre-  
 ço por muitos titulos primeiro, o que pela ordem  
 do tempo foi entre os demais ultimo; este he aquelle  
 famoso Heroe D. Luis de Menezes, Conde da Eri-  
 ceira, tam benemerito da Patria, que igualando se  
 a si mesmo (por não competir com outro) no fino  
 da penna, & no afiado da espada; sendo a sua espa-  
 da a mais bem afiada, & a sua penna a mais fina; ou  
 para dizer melhor, tam aguda a sua penna para es-  
 crever, como a sua espada para cortar, & ambas  
 igualmente limadas para resplandecer, & luzir; se-  
 com a espada soube como os melhores cortar o Ca-  
 stelhana

1. Reg. cap. 1.  
 2. n. 12  
 Jeron. cap.  
 6. n. 20.

Exchiel. c.  
 2. n. 9.

2. Reg. c. 1.  
 n. 23.

Berchor. in  
 rebus. mo.  
 tali.



1. Reg. cap.  
21. n. 9.  
Jerem. cap.  
6. n. 20.

Ezechiel. c.  
21. n. 9.

stelhano batalhando, com a penna assim soube cortar o Portuguez escrevendo, que com a sua espada antes, & com a sua penna depois se acha para a posteridade Portugal luzido, & *Portugal Restaurado*; podendo-se com razão afirmar da sua espada: *Non est huic alter similis*; & dizer da sua penna: *Calamum suave olentem*; ou asseverar da sua penna tanto como da sua espada, o que disse a Ezechiel de outra espada *Deos: Gladius exacutus est, & limatus: ut cædat... exacutus est; ut splendeat, limatus.*

<sup>b</sup>  
2. Reg. c. 1.  
n. 23.

286 O certo he, que os Portuguezes são tam alentados, & fortes, que com toda a propriedade lhes compete o elogio, com que celebrou David a Jonathas, & a Saul: *Aquilis velociores, leonibus fortiores.* <sup>b</sup> São os Portuguezes mais fortes, que os Leões; & ainda pela fortaleza são Aguias os Portuguezes. Que o Reyno de Portugal se allegorize em a Aguia, se verá diffusamente em o meu primeiro tomo do *Thesouro Euangelico*, que espero com o favor de Deos faya brevemente a luz: em o qual na semelhança, & na idèa de hũa Aguia acharão os Portuguezes o augurio, & pronostico das mayores felicidades. He a Aguia hũa ave nobilissima, a qual voando ao alto costuma a provocar os filhos para os voos, fazendo-os sahir do ninho, junto do qual nunca caça, buscando ao longe a preza: excede a todas as aves na animosidade, & fortaleza, de donde vem o ser temida de todas: a respeito da grandeza corporal, tem pouco corpo, & muitos nervos; & a excellencia, que nella he mais para estimada, he o ser agradecida. <sup>c</sup> Estas propriedades pois, que se observaõ em a Aguia, não são as mesmas, que se admiraõ no Rey-

<sup>c</sup>  
Berchor. in  
reduct. mo-  
rali.

no

no



não de Portugal, tanto em seus generosos vassallos, quanto em seus soberanos Reys. Que Rey mais agradecido aos beneficios Divinos, que o primeiro deste Reyno? o qual depois de edificados magnificos, & sumptuosos templos em especial reconhecimento de lhe haver dado Christo por armas as suas Chagas, anathematiza aquelle seu Successor, que não tiver as Chagas de Christo por armas; & não se dando por satisfeito com esta demonstração, fez o seu Reyno tributario ao Apostolo S. Pedro, consignandolhe por annual feudo quatro onças de ouro, que naquelle tempo era muito. <sup>d</sup> Quem não vê com admiração a nobreza, a fortaleza, a nervosidade, o valor, & animosidade deste Reyno, dividendo aos seus filhos, ao empregar-se na caça, buscando longe do ninho a preza? pois sahindo do ninho patrio, depois de expulsos na Europa de Portugal, & dos Algarves os Mouros, a todas as partes do mundo dirigirão os volatos. Voáraõ à Africa, & aprisionáraõ Ceita, Tanger, Mazagaõ, & outras muitas Cidades: voáraõ à Asia, & fizeraõ prezas para si, & para a Fè sessenta, & dous Reys: voáraõ á America, & aprisionáraõ para o gremio da Igreja innumeraveis Gentios pelo espaço de setecentas legoas, a que se estende o seu dominio naquella parte do Novo Mundo <sup>e</sup>; de donde veyo a cantar o erudito, & discreto Padre Antonio de Sousa <sup>f</sup>:

*Fortes Portuguezes*

*Conquistai o mar;*

*Que a terra he pequena*

*Para triunfar.*

Ainda com mayor elegancia em a lingua Latina o

ss

disse

co sup. cit.  
Sylveir. lo.  
Fric. abud

d  
Monarch.  
L. usit. p. 3. l.  
10. c. 10.  
Exchiel. c.  
17. 3.

e  
Sylveir. no  
Opusc. 2.  
resolut. 41.  
q. 3.

f  
Anton. de  
Souza na  
Trag. da  
Conquista  
da India.



disse o douto João Freire, fallando com a Lusitania gloriosamente dominante em todas as partes do mundo &:

g  
Freire apud  
Sylveir. lo-  
co supr. cit.

*Si plures essent, potuisses vincere plures;*

*Non capitur brevibus gloria tanta locis.*

287 Assim he Portugal Aguia pela sua fortaleza; & não só nisto he Aguia, senão em todas as mais especies excellencias, com que temos demonstrado a sua soberania: como o que me persuado, que he o

Reyno de Portugal aquella mysteriosa Aguia, que vio Ezechiel: *Aquila grandis magnarum alarum, longo*

*membrorum ductu, plena plumis, & varietate, venit ad Libanum, & tulit medullam cedri, & transportavit in terram*

*Chanaan.* Era aquella hũa Aguia, q̃ em tudo era grãde; grande em si: *Aquila grandis*; grande nas azas: *Magnarum alarum*; grande em a extençaõ, & movimento dos membros: *Longo membrorum ductu*; cheia de plu-

mas, & ornada de varias pennas: *Plena plumis, & varietate*; a qual remontando o voo se elevou ao cume,

& eminencia do Libano: *Venit ad Libanum*, & tirando a medulla do Cedro, a transportou á terra de

Chanaan: *Tulit medullam Cedri, & transportavit in terram Chanaan.* E pois não he isto o mesmo, que se acha,

& se achou no Reyno de Portugal? individuemos as particulas, & veremos adequadamente propor-

cionadas as excellencias. *Aquila grandis.* He o Reyno Lusitano hũa Aguia por muitos titulos grande;

grande pela animosidade de tam illustres heroes, que assim o engrandeceraõ com os feitos das suas

armas, que as fizeraõ temidas pela sua fortaleza em toda a redondeza da terra, como cantou o Corte

Real: *Temidas*

Real: *Temidas*

i  
Corte Real  
no naufrã-  
gio de Ma-  
noel de Sou-  
za cant. 13.

Temidas



*Temidas são em toda a redondeza*  
*Por seu valor, por sua fortaleza.*

Grande, pela grande agudeza, & pela grande perf-  
 picacia dos engenhos, que produzio: grande, pela  
 grande piedade, & pela grande Religião, em que  
 sempre se sobrelevou: grande, pela contemplaçã  
 de tantos justos, em que floreceo; em fim hum Rey-  
 no, que sendo ao nascer pequeno, em tudo he hũa  
 Aguia grande; grande no corpo, com que se dilatou  
 nos dominios; & grande nas azas, com que elon-  
 gando os voos se extendeo desde os fins do Occaso  
 aos confins do Oriente, sempre sublime, & triunfan-  
 te: *Magnarum alarum. Que mais? Plena plumis, & va-*  
*rietate:* He Aguia cheia de pennas, & ornada de várias  
 plumas: de pennas, nas dos Escriitores com que se  
 ennobreceo; de varias plumas, na variedade dos San-  
 tos, com que se illustrou; encarnadas em os Mar-  
 tyres, azuis nos Contemplativos, pardas em os Cõ-  
 fessores; brancas nas Virgens, & amarelas nos Pe-  
 nitentes. *Venit ad Libanum:* Remontou-se ao Libano,  
 que pela candidez, & alvura he symbolo da Igreja.  
*Tulit medullam Cedri:* Tirou a medulla do Cedro, que  
 he o mesmo, que o mais perfeito na piedade, & Re-  
 ligião. *Et transportavit in terram Chanaan:* E transpor-  
 tou essa medulla da Religião Christã á terra de  
 Chanaan, que, como explica o Sylveira, he o mes-  
 mo, que hũa terra obscura, & tenebrosa com a infi-  
 delidade. <sup>1</sup> Vem, como aquella Aguia, que vio Eze-  
 chiel, he propria allegoria do Reyno de Portugal?  
 288 Sendo pois Aguia o Reyno da Lusitania, &  
 Aguia Imperial tambem a nossa Rainha, que felici-  
 dade mais simpatica para a nossa Rainha, que o ser  
 Rainha

*m*  
*Colla bA*  
*cap. 3. n. 1.*  
*supra. 21*  
*di la*

<sup>1</sup>  
 Sylveir. in  
 Apocal. cap.  
 11. n. 4.



Rainha da Lusitania, & como tal Senhora de huns vassallos, tam excelsos na Religiaõ, tam preclaros na sabedoria, & tam famosos pela fortaleza? Sendo porẽm tam grande felicidade o ser Senhora de huns taes vassallos, não era para o seu apreço objecto da estimação tam grande felicidade, porque estimava mais ser serva de Deos, que Rainha de Portugal; attendendo muito mais a follicitar a felicidade da gloria eterna pelo meyo das virtudes, que a gloria temporal, que lhe podiaõ motivar todas as mais felicidades. Muitas, & todas grandes foraõ as virtudes, que em ella se acháraõ; porque se acháraõ nella todas as que o Doutor das Gentes intimou aos Colofenses<sup>m</sup>; para os pobres, a misericordia mais rara; para os subditos, a benignidade summa; em as acções a modestia unica; no animo a paz mais tranquilla; na expedição dos negocios a sabedoria mais eminente; em a criação dos filhos a doutrina mais importante; nas adversidades a paciencia invencivel; nos exercicios piedosos a humildade incomparavel; & sobre todas a caridade mais viva, que he a que diz o Apostolo deve sobrefahir a todas: *Super omnia autem hæc charitatem habete.* Por todas estas virtudes tinha dilatado campo para correr o discurso, se houvesse de discorrer todas as gloriosas acções de seu justo procedimento; porẽm, para que as virtudes correspondaõ ás felicidades, se entre todas propuz quatro principaes felicidades, entre todas exporei só quatro especiaes virtudes: a primeira, o amor de Deos, em que se incendeo; a segunda, a caridade, que com os pobres practicou; a terceira, a humildade, em q se singularizou; a quarta, a Religiaõ, em q resplandeeo.

<sup>m</sup>  
Ad Collof.  
cap. 3. à n.  
12. usque  
ad 16.

<sup>i</sup>  
ni  
Apo  
+ 11

no

de M

de M

de M

de M

PRI-



contidas so da terra, quem dixer: Eu amo  
 p me amo, amo. E porque me amo, amo.

PRIMEIRA VIRTUDE.

O AMOR DE DEOS.

289



Primeira, & principal virtude, em q  
 a nossa Serenissima Rainha sobresa-  
 hio, foi o amor de Deos em que se in-  
 cendeo. He o amor de Deos o dom  
 mais soberano do Ceo, o apice de todas as perfei-  
 ções, a porta do Santuario, que nos facilita o ingres-  
 so em o Empyreo, & aquella chave dourada, que nos  
 franquea a entrada em o Palacio da Gloria; hum fo-  
 go, que não abraza, senão que aperfeiçoa; hum in-  
 cendio, que não confome, senão que purifica; o cõ-  
 pendio de todas as Escrituras, a summa de todos os  
 Euangelhos, o resumo de todos os mandamentos, a  
 regra de todas as operações, a fórmula de toda a vir-  
 tude, a alma de toda a santidade, o fim de toda a ley,  
 & o alvo, a que se dirigio como setta na sua Encarna-  
 ção o Divino Verbo; sem a qual as virtudes se desfi-  
 guraõ em vicios; a santidade degenera em hypo-  
 crisia; & a ley suave de Christo se converte em pe-  
 zado jugo; & o que mais he, que he tam estimado  
 de Deos, que sendo, o que as creaturas lhe tem a elle,  
 infinitamente menos, & o que elle tem ás creaturas,  
 infinitamente mais, parece que o seu apreço prefere,  
 & antepoem o que as creaturas lhe tem por obriga-  
 ção a elle, ao que elle por sua immensa bondade tem  
 a essas criaturas. Assim o insinuou elle mesmo em  
 hũas mysteriosas palavras: *Ego diligentes me diligo; que*  
 construi-

Act. cap. 13  
 n. 12.

Psalm. 17

2. Bernar. 2

Euthim.  
 h. 6.

Prov. c. 8.  
 n. 17.

ill



construidas ao pè da letra, querem dizer: Eu, aos  
 q me amaõ, amo. E porque não diz o Senhor: *Ego di-  
 ligo diligentes me*: Eu amo aos q me amaõ? Porq vai mui-  
 ta differença do *diligo* antes do *diligentes*, ao *diligentes*  
 antes do *diligo*: se differa o Senhor: *Ego diligo diligen-  
 tes me*, Eu amo aos que me amaõ, antepunha o seu  
 amor ao nosso, pondo ao seu primeiro, & ao nosso  
 depois; dizendo: *Ego diligentes me diligo*, Eu aos que  
 me amaõ, amo, antepoem o nosso amor ao seu, pon-  
 do ao seu depois, & ao nosso primeiro; & sendo o  
 seu Divino amor por todos os titulos primeiro que  
 o nosso, prefere o nosso ao seu, para mostrar, que  
 ainda estima mais ( se assim dizer-se póde ) o limita-  
 do amor, que nòs lhe temos a elle, que o infinito, &  
 illimitado, que elle nos tem a nòs. E porque? Por-  
 que como pela sua incomprehensivel bondade o seu  
 empenho mayor he o nosso desempenho, vè, que se  
 elle com o seu nos empenha a nòs, nòs com o nosso  
 nos desempenhamos d'elle; pois, como notou Ber-  
 nardo, he o amor hũa moeda de tam inestimavel pre-  
 ço, que só com ella podemos a Deos pagar o muito,  
 que lhe estamos a dever: *Solus est amor ex omnibus ani-  
 mæ motibus, atque affectibus, inter quos potest creatura ( &  
 si non ex æquo ) respondere Auctori, vel de simili rependere vi-  
 cem*. Em todas as suas obras nos communicou Deos  
 Senhor nosso tam crescidos os beneficios, que nos  
 impossibilitou para igual satisfação. Criounos; não  
 lhe podemos satisfazer, porque o não podemos  
 eriar: remionos; não lhe podemos satisfazer, porque  
 o não podemos remir: sustentanos; não lhe pode-  
 mos satisfazer, porque o não podemos sustentar:  
 dános em o Ceo a gloria com a sua clara vista; não  
 lhe

S. Bernard.

Prov. c. 8.  
v. 17.



lhe podemos satisfazer, porq̃ com a nossa vista não  
 lhe podemos dar a gloria: porẽm como em nos criar,  
 em nos remir, em nos sustentar na terra, & em nos  
 glorificar no Ceo, entra com a mayor parte o seu Di-  
 vino amor, podemos lhe satisfazer, porque o pode-  
 mos amar.

290 Que bem entendeo este genero de desem-  
 penho aquelle Rey tam versado em as politicas fi-  
 nas de seu amante coraçãõ: *Inveni virum secundum cor*

Act. cap. 13.  
n. 22.

*meum.* Lançou David hũa vez as contas, & somou os  
 beneficios, que lhe tinha feito Deos, & achando-os  
 tam multiplicados, que todo o desempenho lhe vi-  
 nha diminuido, rompeo em estas razões: *Diligam*

Pfalm. 17.

*te Domine, fortitudo mea, Dominus firmamentum meum, &*  
*refugium meum, & liberator meus: Adjutor meus: Prote-*

*ctor meus: Susceptor meus.* Senhor, vòs sois a minha for-  
 taleza, o meu asylo, o meu refugio, o meu Liber-  
 tador, o meu Adjutor, o meu Protector, & o meu

Agazalhador; como a Agazalhador, devovos o aga-  
 zalho; como a Protector, o patrocínio; como a Ad-  
 jutor, o subsidio; como a Libertador, a liberdade;

como a refugio, o soccorro; como a asylo, o am-  
 paro; como a fortaleza, o esforço; & reconhecen-  
 do em mim tam crescidas obrigações, para vos sa-  
 tisfazer, o que posso fazervos, he amarvos: *Diligam*

*te.* Que dizeis, Profeta Santo? Para beneficios tam  
 crescidamente avultados não descobre o vosso agra-  
 decimento outro desempenho mais avultadamente  
 crescido? Não, responde por elle Euthimio: *Cum*

Euthim.  
híc.

*multa, & magna beneficia à te receperim, & respondere illis*  
*nequeam, id faciam, diligam te.* Andou, diz o Padre, Da-  
 vid acertado, & entendido: olhou para os benefi-  
 cios,

cios,



cios, que lhe tinha feito Deos; vio, que pela sua grandeza não só lhe difficultavaõ, senão que lhe impossibilitavaõ a paga; & querendo não os deixar sem valiosa satisfação, não achou outra mais propria do que a do seu amor: *Diligam te.*

291 Isto fez aquelle Rey; & isto tambem foi o mesmo, que fez a nossa Rainha. Considerava os beneficios, que lhe havia feito Deos; porque além dos communs da criação, & redempção, lhe dispensou os particulares, de ser Filha de huns tam illustres pays; Conforte de hum tam preclaro Esposo; Mãe de tam numerosos Filhos; & Senhora de tam gloriosos vassallos; enriquecendo-a, & adornando-a de todas aquellas graças, que póde enthesourar em hum fugeito a natureza; & querendolhe satisfazer, toda se applicava ao amar; & com tam notavel extremo, que em muytas occasiões, ao practicar de Deos, sobindolhe ao rosto as chãmas do coração, se lhe vio o rosto inflâmado; indicio manifesto de estar o coração ardentemente incendiado. Lá quiz o Divino Esposo louvar a sua Esposa, & rompeo nestas razões: *Sicut fragmen mali punici*; ou, como vertem os Serenta: *Sicut cortex mali punici, ita genæ tuæ, absque eo, quod intrinsecus latet.* Esposa minha, são as vossas faces, como huns pedaços de romãa vistos da parte de fóra, fóra o mais, que se occulta por dentro. E que circumstancia póde haver na romãa vista por fóra, para que o Esposo louve as faces da sua Esposa; por serem daquella sorte semelhantes á romãa: *Sicut cortex mali punici.* Direi. A romãa, como todos sabem, he rubicunda por dentro, & juntamente por fóra: por fóra mostra o rubor na casca; por dentro occulta o rubor

Cantic. 4.  
n. 3.  
Septuagint.

midu. 3.  
hic



o rubor nos bagos; sendo muito mais encarnada, & muito mais incendiada nos bagos, que occulta dentro, que na superficie de fóra; & estaõ nella esses bagos com a mayor ordem dispostos, & com a melhor disposiçaõ ordenados. He a romãa, por ser a Rainha coroada dos pomos, jeroglifico de hũa Rainha, como era aquella Esposa: he o incendio da sua cor, como moraliza Berchorio, emblema da charidade, & symbolo do amor: *Color rubeus charitatem designat*; na ordem, com que se achaõ nella dispostos os bagos, se representa a ordem do amor, & da charidade: *Ordinavit in me charitatem*; & querendo o Esposo encarar aquella Rainha de soberana, & perfeita, comparou as suas faces com a romãa da parte de fóra, para mostrar que o amor lhe inflammava o rosto; & disse, que era mais o que occultava por dentro, porque aquelle rosto exteriormente inflammado era manifesto indicio do excesso, com que o seu coração se achava incendiado. Disse S. Agostinho, que he proprio do Divino amor sublevar, & incender: *Amor sanctus ad superna sublevat, & ad æterna inflammat*; & sendo o rosto o resisto das chãmas do coração, são excessivas em o coração as chãmas, quando sãhem pelo rosto as lavaredas; aquella cor inflammada, que se divisa por fóra, he final do grande incendio, que se occulta por dentro. Por isso á nossa Rainha, quando fallava de Deos, em muitas occasiões se lhe divisava o rosto incendiado, & inflãmado; porque pela neve das faces respirava os incendios o Mongibello do coração; sendo menos, o que se via por fóra, & muito mais, o que occultava por dentro: por fóra no encarnado, & no candido via-se hum amor fer-

Cantic. cap.  
2. n. 8

Berchor. in  
Dict. moral,

Cantic. cap.  
2. n. 4.

Coryell.  
lib. 2. c.  
urido Deu.

D. August



mofo: *Pulchræ dilectionis*; por dentro era mayor a fermofura do amor; podendofelhe applicar aquella engenhofa empreza do Ceo estrellado, com a letra: *Pulchriora latent.*

Cantic. cap.  
8. n. 6.

Rechor. in  
Dic. moral.

Cantic. cap.  
4. n. 4.

Aug. A. D.

Cantic. 4.  
Septuagint.

292 He texto muito vulgar, fer como a morte o amor: *Fortis est, ut mors, dilectio*; fendo affim, q̄ parece, q̄ nenhũa femelhança tem com o amor a morte; por que a morte he toda neve, & o amor todo fogo; o amor inflamma o peito, & a morte esfria o coração; o amor une, & a morte fepara; o amor regala, & a morte atormenta; aquelle como menino deleita, & esta como tyranna mata. E pois fe faõ tam differentes, em que fe achão femelhantes? Eu acho, que faõ femelhantes no poder, que cada hum tem, em ordem a alterar, & introduzir novas cores; fendo que faõ differentes as cores, que introduz a morte, & o amor: a morte, como he toda neve, alterando a cor encarnada, introduz, pelo defmayado, a branca; o amor, como he todo fogo, avivando a cor branca, introduz, pelo incendido, a encarnada: ambos as mudaõ, ambos as trocaõ, ambos as alteraõ; & fendo index o roftro do que fe esconde no peito, fe no peito arde o amor incendido, córa o roftro de inflâmado. Com o que aquella cor, com que á noffa Rainha em tantas occafões, quando fallava de Deos, fe lhe inflammava o roftro, era effeito do fogo do amor de Deos, que lhe ardia em o peito.

293 Tres provas, & todas grandes deu em as fuas acções do amor que tinha a Deos: a primeira, o temor com que o respeitava, & o respeito com que o temia; a segunda, o perfeito odio, com que aborrecia os peccados: a terceira, a anciofa vigilancia

mot.

IT

o rub em



em introduzir, & conservar a paz entre os domesticos. Amava a nossa Rainha extremosamente a Deos; & porque o amava tanto, por isso o temia muito, sendo concludente demonstração do muito, que extremosa o amava, o muito, que respectiva o temia. Aquelles dous Serafins, que o Profeta Isaías vio no Solio de Deos, com duas azas cobriaõ os rostros, & com as outras duas voavaõ, & descobriaõ os peitos: *Duabus velabant facies suas, & duabus volabant.* E he muito para notar, o dizer a Boca de Ouro, que o cobrirem os rostros, era reverencia, com que o respeitavaõ, & que o que parecia voar, verdadeiramente era temer, & tremer: *Faciem quidem, & pedes ob ingentem reverentiam tegentes: volatu verò, dum non valent in quiete permanere, magnum tremorem declarantes.* São os Serafins os Espiritos mais abrazados no amor de Deos, porque por amantes se interpretaõ ardentes: *Seraphim ardens, vel incendens interpretatur;* & no temor, com que respectivos o trataõ, acreditaõ o incendio, com que extremosos o amaõ: se não foraõ tam amantes, não seriaõ tam tementes: he o peito o deposito, & o archivo do amor, & quando aquelles Serafins descobriaõ como amantes os peitos, cobriaõ os rostros, encobrando-se de respectivos, & batiaõ as azas, tremendo de temerosos; porque Deos, quanto mais amado, mais temido; & as creaturas, que lograõ privilegios de Serafins, tanto mais se mostraõ tementes, quanto mais se apuraõ amantes. Assim acreditavaõ o seu amor aquelles dous Serafins Principes do Solio em o Ceo; & assim acreditou o seu, desempenhando-se de Serafim na magestade do seu throno a nossa Rainha em a terra:

Isai. cap. 6.  
n. 2.

Chrysoft.  
lib. 2. de  
orãdo Deú.



Prov. cap.  
31. n. 3.

temia a Deos com excessõ, porque o amava com extremo; & se o Espirito Santo diz, que he digna de louvor a mulher, que teme a Deos: *Mulier timens Dominum, ipsa laudabitur*; de que louvor não he digna hũa Rainha tam timorata? Bem mostrou o quanto o amava, & o quanto o temia, naquella rara conformidade, com que tolerou o golpe da arrebatada morte do Principe D. Joaõ; que por ser as deliciosas primicias da sua fecundidade, nasceo por todos os titulos morgado do seu amor; deulho Deos para o gosto, & dentro em breves dias lho tirou para o sentimento; & ella varonilmente conforme com a vontade de Deos, deulhe graças por lho tirar, depois de lho haver dado, assim como lhas tinha dado por lho haver concedido. Por boca do mesmo Deos foi canonizado Job entre todos os demais por seu temente sem semelhante: *Quòd non sit ei similis in terra, homo simplex, & rectus, & timens Deum*; & em que desempenhou Job o seu incomparavel temor de Deos? Na grande conformidade, com que louvou ao Senhor, por lhe haver tirado depois tudo o mais, & mais que tudo, os filhos, que lhe havia dado antes: Deos o deu, Deos o tirou, dizia o temente Job, seja em tudo, & por tudo bendito o nome de Deos: *Dominus dedit, Dominus abstulit; sit nomen Domini benedictum*. Não havia naquelle tempo quem em o temor de Deos fosse semelhante áquelle notavel homem; porèm bem sabia Deos, que no anno de 1688. depois do seu Nascimento em o mundo, se havia de achar no Reyno de Portugal semelhante áquelle homem a mais heroica Mulher, que vendo lhe tirava Deos no breve espaço, & no conciso periodo de 17. dias

hum



hum filho, que havia sido toda a gloria do seu thalamo, toda a delicia do seu Reyno, & como outro Joaõ todo o gosto do seu povo em seu feliz nascimento: *Multi in nativitate ejus gaudebunt*, fervindo-lhe de mortalhas para o involver, as mesmas, que se preveníraõ mantilhas para o enfaxar; assim soube conformar a sua vontade humana com as disposições da vontade, & providencia Divina, que tanto louvou a Deos por lho haver dado antes, quanto por lho tirar depois. Nada mais era necessario para se cabalizar de amante, que o ser desta sorte temente; que por isso ao Santo Job, louvando-o Deos de temente, não o encomiou de amante, porque não era necessario expressar que o amava, quem de tal modo o temia; pois o excesso, com que o temia, era cabal comprovaçãõ do extremo, com que o amava.

294 Mas não he muito, que assim se conformasse com a vontade de Deos, em lhe levar para si hum filho, hũa Mãy tam timorata, que pedia muitas vezes instantemente a Deos, que se todos os seus filhos não houvessem de ser bons, lhos levasse para si todos. Assim amou Deos ao mundo, diz o Evangelista S. Joaõ, que para o libertar do peccado, lhe deu seu Unigenito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret*; & assim amou esta Mãy a Deos, que lhe dava, & offerencia espontaneamente os seus filhos, pelos ver livres de peccados, querendo os antes para Deos innocentes mortos, que para si nocentes vivos; emendando o defeito das lagrimas de Rachel, por chorar aos seus filhos quando innocentes, mortos, o que tal vez não feriaõ, se se confer-

Luc. cap. 1.  
n. 14.

Joann. cap.  
3. n. 16.



Matth. cap.  
2. n. 18.

conservassem vivos: *Rachel plorans filios suos*: Rachel em as suas lagrimas attendia só nos filhos ao amor natural de mãy; esta admiravel Rachel em aquellas suas supplicas entendia, & entendia bem, que nunca mais amorosa Mãy, que quando pelo amor de Deos parecia que cortava pelo amor natural dos filhos; porque antes assim acreditava igualmente de extremo o amor aos filhos, & de excessivo o amor a Deos.

2. Machab.  
c. 7. n. 20.

295 Considerou o espirito de S. Gregorio Nazianzeno a generosa resolução daquella sublime heroína, a quem o texto acciama admiravel mãy: *Supra modum mater mirabilis*, que offereceo a Deos para a morte sete filhos; & disse, que no sacrificio se mostrára igualmente amante dos filhos, & de Deos:

Nazianzen.  
Orat. 20.

*Mater ibi erat animosa, & generosa, puerorum simul, ac Dei amatrix*: era amante dos filhos, porque attendia mais ao bem das suas almas, que ao de suas vidas; & era amante de Deos, porque antepunha a observancia de seus Divinos preceitos ao amor natural dos filhos. Propunha selhe de hũa parte a vida dos filhos, faltando ao respeito de Deos; da outra o respeito de Deos, faltando a vida aos filhos; se viviaõ, lograva-os para si, mas peccadores; se morriaõ, offerecia-os a Deos, mas innocentes; & em querelos antes innocentes mortos para Deos, que peccadores vivos para si, requintava igualmente os quilates do amor para os filhos, & para Deos. Este foi o admiravel extremo daquella mãy em ordem aos seus sete filhos; & sendo sete os seus filhos, este foi o mais que prodigioso excesso desta admiravel Mãy: sendo hum, o que Deos lhe levou antes, & seis, os que  
lhe



lhe ficáraõ depois, tam espontanea offerencia a Deos os feis, que lhe ficáraõ depois, quanto conforme se mostrou ao levarlhe o primeiro antes; porque equilibrando com rectidaõ o amor de Deos, & o amor dos filhos, achava, que tanto acreditava o amor natural dos filhos, em os querer mortos para Deos, quanto o amor sobrenatural de Deos, em lhe offerecer esses filhos, querendo-os antes para Deos innocentes mortos, que para si nocentes vivos; & havendo de cortar, ou pelo amor dos filhos, ou pelo amor de Deos, primeiro estava para ella o amor de Deos, que o amor dos filhos; que este, diz S. Gregorio o Magno, he o profundo sentido, em que fallou Christo bem nosso, quando disse, que atè aos filhos deviaõ por feu amor aborrecer, & odiar os pays: *Qui non odit patrem suum, aut matrem, aut filios, &c.* Não podia intimar, que se tivesse aos filhos odio, aquelle Senhor, que atè aos inimigos persuadio o amor: *Diligite inimicos vestros*; mas se por ventura, ou por desgraça os filhos houvessem de fervir aos pays de impedimento para o feu amor, quiz, que os pays aborrecessem aos filhos; porque em aquelle caso o odio não era odio, senão o mais refinado, & o mais fino amor. Fazendo agora argumento de hum para outro caso; querer aos filhos mortos, se houverem de offender a Deos vivos, he amar a Deos, & amar aos filhos: a Deos, porque he querer evitarlhe as offensas; aos filhos, porque he querer preservalos do mal das culpas: a Deos, porque he querelo amado, & não offendido; aos filhos, porque he querer sollicitarlhs a vida eterna, que he mais, com a morte temporal, que he menos: em summa, he

Luc. c. 14.

n. 26.

S. Gregor.

hom. 37.

Matth. cap.

5. n. 44.



hum odio aparente, & hum amor real: he hum amor, que parece odio, mas he tal odio, que he na realidade duplicado amor; porque he amor de Deos, a quem se offerecem os filhos, & amor dos filhos, que se offerecem a Deos.

296 A segunda prova, que deu nas suas accões a nossa soberana Rainha, do amor, que tinha a Deos, consistio naquelle perfeito odio, com que aborrecia os peccados, applicando anciosa todo o cuidado, & vigilancia, não só em os não admittir em si, que sendo muito, não foi tanto; senão em os evitar, & impedir em os outros, que foi tanto, que he mais que muito. Quanto dispendeo esta magnanima, & piedosa Rainha de sua Real fazenda para estorvar, que Deos chegasse a ser offendido com este, ou aquelle peccado? Quantas, & quam innumeraveis foraõ as Missas, que mandou dizer pelas Almas do Purgatorio, por esta tençaõ, & para este effeito; acodindo em hũa mesma acçaõ com o suffragio ás almas dos mortos, & com o remedio ás almas dos vivos? Os que corriaõ com as despezas, saõ veridicas testemunhas. Tanto que sabia, q̄ estava, ou imminente, ou proxima algũa occasiaõ para a offensa de Deos, assim se angustiava, & assim se affligia, que não admittia descanso, até lhe não applicar o remedio, curativo, para huns, & preservativo para outros. Não particularizo os successos, por não publicar os defeitos em a relação dos casos.

297 Notavel antipatia, a que tem com os peccados, os que amaõ, como devem, a Deos! Assim como no peccado ha aversaõ, & conversaõ, assim tambem no amor ha conversaõ, & aversaõ: he o peccado



cado hũa averfaõ de Deos, & hũa converfaõ para a  
 creatura; & he o amor de Deos, hũa converfaõ pa-  
 ra Deos, & hũa total averfaõ ao peccado: he o amor  
 do peccado odio negativo de Deos; & he o amor  
 de Deos odio positivo ao peccado; que por isso o  
 Profeta Rey persuadia, que aborrecessem, como  
 deviaõ, ao peccado, os que amassem a Deos: *Qui di-*  
*ligitis Dominum, odite malum.* Assim o persuadia aos ou-  
 tros, & assim o practicava em si, porque, por amar a  
 Deos, aborrecia, & odiava todo o caminho do pec-  
 cado: *Propterea odivi omnem viam iniquitatis.* Porẽm  
 ainda de algum modo ventajosa áquelle Rey a nossa  
 Rainha, se aquelle Rey aborrecia todo o caminho  
 dos peccados, a nossa Rainha aborrecia o peccado  
 por todos os caminhos: aquelle Rey aborrecia os  
 peccados proprios, & os peccados alheyos; mas nem  
 preservava dos peccados aos outros, nem se prefer-  
 vou do peccado antes a si; que por isso, como Rey,  
 & como particular; como particular pedia a Deos,  
 que o limpasse dos occultos peccados proprios; &  
 como Rey, que lhe perdoasse os alheyos: *Ab occul-*  
*tis meis munda me Domine, & ab alienis parce servo tuo.* (Que  
 esta he a pensaõ mais onerosa dos Reys, serem reos  
 diante de Deos, tanto dos peccados alheyos, quan-  
 to dos peccados proprios.) O mais, a que chegou o  
 amor do Rey penitente David, foi o aborrecer em  
 si o peccado depois de comettido, & o chorar os  
 alheyos, como que se fossem proprios; porẽm a nos-  
 sa Rainha fazendo todo o estudo em não admittir  
 os proprios, punha toda a applicaçãõ a evitar os  
 alheyos, não reparando em custos, para reparar pec-  
 cados. Via, que o amor de Deos á custa do grande

1.º Corin. 13.  
cap. 13. v. 4.º

Ab Epher  
cap. 1.º v. 1.º  
Psalm. 96.  
n. 10.

Psalm. 118.  
n. 104.

Psalm. 18.  
n. 13.



1. Corinth.  
cap. 6. n. 20.

Ad Ephes.  
cap. 2. n. 4.

Matth. cap.  
5. n. 48.

preço de seu sangue precioso nos remíra dos peccados a nós: *Empti enim estis pretio magno*; & querendo de algum modo imitar no seu amor aquelle amor de Deos, empenhava-se em impedir os peccados, não reparando em os custos: & se áquelle amor de Deos chamou o Apostolo nimio em ordem a nós: *Propter nimiam charitatem, qua dilexit nos*; o amor da nossa Rainha foi extremofo em ordem a Deos; porq̃ foi o seu amor para com Deos, no modo, que póde fer, como o de Deos a nós: digo, no modo, q̃ póde fer, se o póde fer de algum modo, porq̃ reconheço o incomparavel excesso de hum amor infinito a hum amor limitado; porèm naquelle sentido, em que aconselha Christo, que sejamos perfeitos na terra, assim como he perfeito o Pay, que está no Ceo: *Estote perfecti, sicut & Pater vester caelestis perfectus est*, digo, que de algũa maneira foi como o amor de Deos a nós, o amor da nossa Rainha a Deos: porque se Deos, não tendo peccado em si, acodio a remediar a todo o custo os nossos peccados; ella empenhada tambem em não ter em si peccados, disvelava se em remediar os alheyos a todo o custo: Deos, como Author, & fonte manancial de toda a graça, nem tem, nem póde ter em si peccado, porque não fora Deos, a não ser impeccavel por natureza; a nossa Rainha, sendo peccavel por natureza, punha toda a vigilancia em não cometter peccados, aproveitando se, como eram, dos auxilios da graça. Não he a minha tenção preconizala para Santa; he sim publicar ao mundo, o quanto ella invigilava em eximir-se de peccadora; sendo aquelle amor de Deos, que a obrigava a estudar em o não offender com os peccados proprios, o

que



que a impellia a vigiar, que não fosse offendido com os peccados alheyos ; para assim desempenhar o seu grande amor de Deos , em aborrecer o peccado por todos os caminhos , da mesma forte , que aquelle Rey todos os caminhos do peccado : *Odivi omnem viam iniquitatis.*

298 A terceira grande prova, que a nossa esclarecida Rainha deu em as suas acções do amor , que tinha a Deos , foi aquelle singular , & incansavel disvelo , com que sempre procurou introduzir , & conservar nos seus domesticos a paz. He a paz hum bem tam grande , que lhe chamou o Poeta o mayor de todos os bens :

— *Pax optima rerum,  
Quas homini novisse datum est, &c.*

Os Gentios lhe edificáraõ templos ; & os Christãos a celebráraõ com elogios : os Gentios lhe edificáraõ templos ; porque no monte Palatino consagráraõ hum á Concordia ; & na via , que chamavaõ sacra , erigiraõ outro á Paz ; preferindo de tal forte esta ao demais tudo , que na excellencia , & dignidade a antepunhaõ a tudo o mais. Vio-se naquella contenda entre Neptuno , & Minerva , em que allegou cada hum as razões , que lhe assistiaõ , para conseguir entre todos a gloria da preferencia , & a honra da primazia. Disse Neptuno , que a elle se lhe devia , por ser o inventor da agua , elemento tam necessario para o commum beneficio : replicou Minerva , que ella fora , a que achára a oliveira ; & ponderada de cada hum a justiça , Minerva venceo a causa , dando-se por ella a sentença ; porq̃ como a oliveira he jeroglifico da paz , só á inventora da paz se devia adjudicar



Sáaved. Em  
pref. 89.

Mantuan.  
apud Po-  
lyanth.  
Prudent.  
apud Be-  
yerlinch.

a honra da primazia, & a gloria da preferencia. Os Christãos a celebráraõ com elogios, porque, além dos encomios, que lhe daõ os Santos Padres, & sagrados Expositores, o politico Sáavedra com a erudição costumada, a reconhece Authora do mayor bem da Republica, & a acclama universal conservadora da natureza: & o nosso Carmelita, tam Mantuano na Patria, como em a poesia, segundo a Polyantha (ou Prudencio, como affirma Beyerlinch no Theatro da Vida Humana) a intitula, & applaude obra chea de virtude, sem a qual nada ha bom para o agrado de Deos:

*Pax plenum virtutis opus; Pax summa laborum:*

*Sydera pace vigent, consistunt terrea pace;*

*Nil placitum sine pace Deo, &c.*

Pint. in cap.  
5. Ezechiel.

Empenhada pois em agradar por todos os titulos a Deos a nossa tam virtuosa, & sua amante Rainha, o mesmo era saber, que entre os seus domesticos havia algũa defavença, que applicar toda a industria para os reduzir á verdadeira concordia; sendo esta amante Rainha em ordem aos seus domesticos, o que seu amado Esposo, & nosso excelso Rey em ordem aos seus povos: elle Rey da Paz para os seus povos; ella Rainha da Paz para os seus domesticos; em o que acreditava a Magestade de Rainha, satisfazendo igualmente ás obrigações de Christãa, & ás exacções de justa. A Magestade de Rainha; porque, como notou Pinto, a Aguia, que he a Rainha dessa volatil Republica, tem tam soberano imperio para reduzir a paz as aves suas vassallas, que se acaso succede haver entre algũas pelejas, em apparecendo a Aguia, abatem logo as azas, & reduzi-  
das



das a paz todas, cessaõ as rinhãs, & terminaõ se as  
 contendãs. Satisfazia tambem ás obrigações de  
 Christãa, porque se mostrava verdadeira imitadora  
 de Christo, que em todas as suas acções foi o exem-  
 plar da paz, dirigindo-se á paz todas as suas acções.  
 Nascendo, cantáraõ os Celestiaes Espiritos, gloria a  
 Deos, & paz aos homens: *Gloria in excelsis Deo, & in* Luc. cap. 2.  
*terra pax hominibus*: prègando, fermocinava da paz: n. 14.  
*Audiam, quid loquatur in me Dominus Deus, quoniam lo-* Psalm. 84.  
*quetur pacem in plebem suam*: fallando, atè com os ini- n. 9.  
 migos tratava, & practicava da paz: *Cum his, qui ode-* Psalm. 119.  
*runt pacem, eram pacificus: cum loquebar illis, &c.* cui- n. 7.  
 dando, cuidava da paz: *Ego cogito cogitationes pacis*: Jerem. cap.  
 andando, dava os passos pelos caminhos da paz: *Via* 29. n. 11.  
*ejus pulchræ, & semitæ ejus pacificæ*: dormindo, & des- Prov. cap.  
 cansando, dormia, & descansava em paz: *In pace in* 3. n. 17.  
*idipsum dormiam, & requiescam*: morrendo, deixou em Psal. 4. n. 9.  
 testamento a paz: *Pacem relinquo vobis*; & finalmente Joann. cap.  
 resuscitando, deu aos Discipulos a paz: *Pax vobis*. 14. n. 27.  
 Attendia ultimamente ás exacções, & realidades de Id. cap. 20  
 justa; porque se os peccadores não sabem o cami- n. 21.  
 nho da paz, por lhes faltar o temor de Deos: *Viam* Psal. 13. n. 3.  
*pacis non cognoverunt; non est timor Dei ante oculos eorum*:  
 os justos, que temem a Deos, folicitaõ industrio-  
 sos por todos os caminhos a paz; porque em a acha-  
 rem a ella, achaõ a quietação, & serenidade da sua  
 alma; porque adonde a Esposa, segundo a nossa vul-  
 gata, diz de si, que achou a paz: *Facta sum coram eo* Cantic. cap.  
*quasi pacem reperiens*, explica a Glossa ordinaria, que 8. n. 10.  
 achou a serenidade, & quietação da sua alma: *Facta* Gloss. in  
*sum quasi serenitatem animæ reperiens.* hunc loc.

300 Como a nossa Rainha amava a Deos com

extre-



Pfalm. 75.  
n.3.

Aggaei cap.  
2. n. 8. & 10.

extremosa fineza, querendo, que a sua casa fosse habitação de Deos, procurava diligente a paz em a sua casa; como quem reconhecia, que não costuma a assistir Deos no lugar, onde não ha paz. Lá disse o Profeta Rey, que em a paz se fez o lugar de Deos: *Factus est in pace locus ejus.* Padece hũa grande duvida esta proposição do Psalmista; porque he certo, & de Fè, que Deos pela sua immensidade assiste em todo o lugar; & pois se Deos como immenso em todo o lugar assiste, como determina David na paz o lugar de Deos? Porque ainda que Deos pela sua immensidade occupe todo o lugar, ama de tal sorte a paz, que o lugar, em que não assiste a paz, não he lugar, em que esteja Deos. Por isso a nossa Rainha solicitava com tanta ancia a paz entre os seus domesticos, porque queria, que aquelle Deos, a quem amava com tanto extremo, tivesse o seu Palacio por glorioso domicilio; enchendo por este estylo de gloria a sua casa; porque he certo, que aquella casa, que o Senhor enche de paz, está habitada, & chea de gloria; que assim o prometeo elle pelo Profeta Aggeo: *Implebo domum istam gloria, & in loco isto dabo pacem.* Diz, que hade encher de gloria aquella casa, & aquelle lugar, a que der a paz; porque a paz he a gloria de qualquer lugar, & de qualquer casa. Mas oh, quanto glorioso seria para os olhos de Deos hum Palacio tam pacifico! que apenas entre os seus domesticos havia a menor contenda, quando logo os metia em paz aquella Rainha, que impellida do amor de Deos punha toda a applicação a evitar odios em os homens; podendo-se accommodar com a proporção devida á sua soberana virtude as palavras, que David

vid



vid disse da virtude de Deos: *Fiat pax in virtute tua;* & Pfalm. 121.  
 de algum modo appropriar á sua heroica varonilida-  
 de a triunfal inscripção, com que o Senado, & po-  
 vo Antuerpiense celebrou, & applaudio a Princeza  
 de Flandes Isabel:

*Fœmina blanda potest animos lenire feroces,*  
*Armatasque virum conciliare manus.* Theatr. Vit  
 Human.

*Maius opus sexu est; quæque hoc facit, illa virilis*  
*Corpore fœmineo pectora mentis habet.*

*Tu verò Divum genus heroina Virago*  
*Inclita sexum animo vincis utrumque tuo.*

301 Estas foraõ as grandes provas, que a nossa  
 gloriosa Rainha deu em as suas acções do amor, que  
 tinha a Deos; sendo forçoso incentivo para o muito,  
 que o amava, a continua reflexaõ sobre o muito, que  
 lhe devia. Considerava o seu espirito os avultados  
 beneficios, de q̄ estava devedora a Deos, & queren-  
 do-se empenhar em de algum modo os fatisfazer,  
 para se desempenhar, sómente em o amor achava,  
 como David, algũa fatisfação: *Diligam te Domine;* se-  
 guindo pontualmente como obediente Filha a pri-  
 meira advertencia daquella santa instrucção, que  
 antes de se partir de Haildelberga lhe deu seu aman-  
 te pay; pois por principio de todas se lem estas tam  
 Christans, como prudentes palavras: *Em primeiro*  
*lugar nossa Filha charissima por toda a sua vida, não só cada*  
*dia, mas ainda, sendo possivel, em todas as horas, terá vivo*  
*cuidado de trazer á memoria quanto deve a seu Creador, Re-*  
*demptor, & Conservador, medindo esta obrigação por quan-*  
*tos beneficios tem recebido da liberal mão de sua Divina*  
*Magestade, & dandolhe por todos infinitos louvores, &*  
*graças. E passando-os pela lembrança, fará especial reflexaõ*  
 sobre

Vida do  
 Principe  
 Wilhelmo  
 pag. 125.



sobre os da vocação ao gremio da Igreja Christãa por meyo de  
 pays Catholicos; & do illustre sangue, que por elles herdou,  
 nascendo das Serenissimas Casas dos Eleytores Palatinos, &  
 Principes Hassyacos; & de haver tido na sua aquella educa-  
 ção, a qual, em quanto observar os preceitos da verdadeira Re-  
 ligião, & Fè, em que nella foi instrubida, lhe segurarã o pre-  
 mio da gloria, & bemaventurança eterna. Os meynos para che-  
 gar a este ditoso fim, serã depois do patrocínio da Santissima  
 Virgem Mãe, & da protecção do Santo Anjo da Guarda,  
 a pureza de sua vida, que procurará seja sempre agradavel aos  
 olhos de Deos, assistindo com diligencia, & devoção devida  
 aos Divinos Officios: frequentando os Santos Sacramentos  
 da Penitencia, & da Sagrada Communhaõ: dando sempre a  
 todos louvavel exemplo em suas acções: & sobre tudo alentando  
 a esperança, & confiança em Deos em todas as adversida-  
 des, & tribulações da sua vida; porque só neste Senhor acha-  
 rá todo o alivio, & consolação, entendendo, que nunca a ha-  
 de desamparar a sua paternal Providencia. Assim lho ad-  
 vertio o vigilante amor do Pay, & assim o observou  
 a pontual obediencia da Filha; & sendo esta primei-  
 ra advertencia, ou mandato daquelle Pay dirigido  
 ao amor de Deos, que he o primeiro, & o maximo  
 Mandamento da sua Ley: *Hoc est maximum, & primum  
 mandatum*; com tanta exacção o comprio, & com tan-  
 ta cabalidade o guardou, que se póde dizer della, ou  
 podia ella dizer de si em ordem ao Pay da terra, o  
 que Christo de si disse a respeito do Pay do Ceo: *Sic-  
 ut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.*

Matth. cap.  
22. n. 38.

Joann. cap.  
14. n. 31.